

Universidade Federal Fluminense – UFF
Instituto de Estudos Estratégicos – INEST
Curso de Graduação em Relações Internacionais

**CULTURA COMO PODER: O “SOFT POWER” BRASILEIRO CONTRIBUINDO
PARA A DEFESA NACIONAL NO SÉCULO XXI.**

Thalyson da Costa Gonçalves

Niterói
Novembro de 2019

Universidade Federal Fluminense – UFF
Instituto de Estudos Estratégicos – INEST
Curso de Graduação em Relações Internacionais

**CULTURA COMO PODER: O “SOFT POWER” BRASILEIRO CONTRIBUINDO
PARA A DEFESA NACIONAL NO SÉCULO XXI.**

Autor: Thalyson da Costa Gonçalves

Monografia apresentada ao MBA de Relações Internacionais e Estudos Estratégicos da Universidade Federal Fluminense – UFF, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de pós-graduado em Relações Internacionais e Estudos Estratégicos.

Orientador: Bruno Pessoa Villela

Niterói
Novembro de 2019

Ficha de Avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso em Relações Internacionais (Monografia)

Título do Trabalho: Cultura como Poder: O “Soft Power” Brasileiro contribuindo para Defesa Nacional no século XXI.

Aluno: Thalyson da Costa Gonçalves

Semestre Letivo: Primeiro semestre de 2019

Avaliadores:

Professor Doutor Bruno Pessoa Villela
Departamento de Estudos Estratégicos
e Relações Internacionais

Professor Doutor João Rafael G. de Souza Morais
Departamento de Estudos Estratégicos
e Relações Internacionais

Notas dos Avaliadores	
Avaliador 01	
Avaliador 02	
Nota Final	

RESUMO

CULTURA COMO PODER: O “SOFT POWER” BRASILEIRO CONTRIBUINDO PARA A DEFESA NACIONAL NO SÉCULO XXI

O presente artigo busca verificar a relevância do *Soft Power* brasileiro para a Defesa Nacional nas primeiras décadas do século XXI, bem como analisar a percepção estrangeira frente a capacidade brasileira de atrair outras culturas. Desta maneira, será seguida a perspectiva das Relações Internacionais e dos Estudos Estratégicos para fundamentar esta pesquisa, estudando a origem do povo brasileiro e sua cultura, além das culturas de massa, como o futebol, carnaval, e as novelas, e suas capacidades de gerar recursos de “Soft Power”. Bem como o poder militar brasileiro, que é baseado em aspectos de poder atrativo, e verificar se tais aspectos e recursos contribuem para segurança e conseqüentemente para a Defesa Nacional.

Palavras-chave: Soft Power, Cultura, Defesa Nacional, Estudos Estratégicos, Relações Internacionais.

Niterói

Novembro de 2019

ABSTRACT

CULTURE AS POWER: BRAZILIAN SOFT POWER CONTRIBUTING TO NATIONAL DEFENSE IN THE 21st CENTURY

This article seeks to verify the relevance of Brazilian Soft Power to national defense in the first decades of the 21st century, as well as to analyze foreign perceptions regarding the Brazilian capacity to attract other cultures, thus following the perspective of international political and strategic studies, to support this research, studying the origin of the Brazilian people and their culture, as well as mass cultures such as soccer, carnival, and soap operas, and their ability to generate "Soft Power" resources. As well as the Brazilian military power, which is based on aspects of attractive power, and to verify if these aspects and resources contribute to security and consequently to the National Defense.

Keywords: Soft Power, Culture, National Defense, Strategic Studies, International Political.

Índice

1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1 Contextualização do tema.....	1
1.2 Tema, pergunta e Objetivo.....	3
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	5
2.1 O Sistema Internacional Moderno.....	5
2.2 Teorias das Relações Internacionais.....	7
2.2.1 Realismo e suas vertentes.....	7
2.2.2 Liberalismos e seus desdobramentos.....	8
2.3 O Poder no Sistema Internacional.....	9
2.3.1 Hard Power.....	10
2.3.2 Soft Power	11
2.3 Segurança e Defesa dos Estados no âmbito internacional.....	13
3. OS DIFERENTES PRISMAS DA CULTURA.....	16
3.1 O que é Cultura.....	17
3.2 A Cultura brasileira.....	19
3.2.1 O “jeitinho” brasileiro.....	23
3.3 A Cultura como recurso de Poder.....	25
4. SOFT POWER CONTRIBUINDO PARA A DEFESA NACIONAL.....	27
4.1 Os recursos militares que produzem resultados comportamentais.....	29
4.1.1 Diplomacia coerciva.....	31
4.1.2 Proteção.....	32
4.1.3 Assistência.....	34
4.2 Cultura como fonte de “Soft Power”.....	35
4.3 O caso brasileiro.....	37
3.3.1 A música.....	39
3.3.2 O futebol.....	42
3.3.3 As novelas brasileiras.....	44
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS	47

1.INTRODUÇÃO

No presente capítulo será apresentado o tema e os objetivos a serem alcançados na pesquisa em questão, de modo que possam ser utilizados como fontes de pesquisa e consulta em estudos futuros, principalmente na área dos Estudos Estratégicos. A abordagem aqui considerada busca verificar a relevância do *Soft Power* brasileiro para a Defesa Nacional nas primeiras décadas do século XXI, bem como analisar a percepção estrangeira frente à capacidade brasileira de atrair outras culturas. Desta maneira será seguida a perspectiva das Relações Internacionais e dos estudos estratégicos para fundamentar esta pesquisa.

1.1 Contextualização do tema

O século XXI é marcado por diversas mudanças no ambiente doméstico dos Estados, e no cenário internacional. O fenômeno da globalização, a interdependência econômica e as “novas ameaças”, que configuram as guerras irregulares e os conflitos de “baixa intensidade”, contribuíram para uma abordagem mais dinâmica e conclusiva nos estudos das Relações Internacionais.

Apesar das grandes mudanças ocorridas nos últimos séculos, os Estados nacionais que conhecemos atualmente, resultados de um processo demarcado em sua origem pela Paz de *Westfalia*, continuam sendo os principais atores no cenário internacional, e seus comportamentos ainda são moldados pela busca de poder e riqueza. Contudo, novas incógnitas têm sido consideradas na equação internacional: as preferências culturais, aspectos comuns e diferenças (HUNTINGTON, 1997, p.20). Desta forma, o uso da força militar para a resolução de conflitos tem sido cada vez menos preponderante (WALTZ apud VIOLANTE, 2017). Porém, não menos importante, de modo que Aron no primeiro capítulo de seu livro “Paz e Guerra entre as nações” cita Clausewitz e conclui que a definição de Guerra apresentada pelo General Prussiano “não é menos válida hoje do que quando foi escrita.” (ARON, 2002, p.69).

Dentro deste contexto, as relações de poder entre os Estados ganharam um novo significado, isto é, as fontes de poder que eram baseadas apenas na força bélico-militar e, posteriormente, se fixou também “na força de desenvolvimento econômico de países

ou bloco de países”¹, que permeia apenas duas dimensões do poder que, juntas, são denominadas “Hard Power” e compõem a parte mais “tangível” do poder.

Contudo, nas relações internacionais atuais outros *players* passaram a fazer parte e a influenciar no jogo de poder. É nesta conjuntura internacional globalizada, interdependente e interconectada, que Joseph Nye, no início da década de 90, introduz pela primeira vez o conceito de “Soft Power”², apresentando assim a porção “intangível” do poder. Sendo assim, a cultura, a ideologia e a moral passam a influenciar mais decisivamente na relação entre os Estados, e a capacidade de articular dentro desse jogo de poder será diretamente proporcional à sua capacidade de desequilibrar a balança de poder nas três dimensões (Militar, Econômica e Cultural). (NYE, 2004, l.56)

É importante salientar que, segundo Nye, a dimensão “intangível” do Poder está fundamentada em três recursos básicos, são eles: a cultura, os valores políticos (quando uma Nação os cumpre internamente e externamente) e as políticas externas (quando outros Estados as veem como legítimas). (NYE, 2012, p.119).

E é neste ambiente que o Brasil vem ganhando protagonismo internacional, principalmente nas primeiras décadas do século vigente, fortalecendo a política Externa e dando ênfase no processo de integração econômica dos países sul-americanos com o fortalecimento do MERCOSUL, sendo considerado “um caso de sucesso”³ no âmbito Militar, com a participação de tropas, e o comando da missão das nações unidas para a estabilização do Haiti (MINUSTAH), que iniciou em 2004 e terminou em 2017, além do comando da Força Tarefa Marítima no Líbano, e da participação de tropas e navios na Força Interina das Nações Unidas no Líbano (UNIFIL).

E em termos culturais, que serão o cerne deste trabalho, o Brasil vem dando exemplo de liderança para outros países, sendo o segundo maior exportador de novelas do mundo⁴, atraindo a paixão do mundo pelo futebol brasileiro, além do carnaval que atrai milhares de turistas de todas as partes do mundo para apreciar o que muitos dizem

¹ ROCHA, Márcio. Defesa Nacional: uma abordagem conceitual.

² Tradução do Inglês: Poder Brando

³ Palavras do Ministro de Estado da Defesa, Raul Jungmann, na abertura do Simpósio Internacional “Brasil no Haiti, um caso de sucesso”

⁴ <https://jornalrebate.com.br/site/colaboradores-do-rebate/9705-mexico-e-brasil-ambos-sao-os-maiores-produtores-e-exportadores-de-telenovelas-no-mundo> acesso em 18/07/2019

ser o “maior espetáculo da terra”⁵, bem como as características miscigenadas do povo brasileiro citadas por Raul Jungmann em seu discurso de abertura do simpósio internacional “Brasil no Haiti um caso de sucesso”.

Trata-se da nossa cultura. Nós somos e sempre fomos, historicamente, um país globalizado. Aqui estão árabes, aqui estão judeus, aqui estão italianos, aqui estão russos, aqui estão espanhóis, todos convivem. E isso faz parte, exatamente, de um traço da nossa cultura que aprimoramos e levamos para fora por meio de nossas Forças Armadas. (JUNGMANN, 2017).

Tais atributos são apenas alguns exemplos da importância que a cultura tem para o povo Brasileiro e como ela se projeta para além das fronteiras nacionais, demonstrando assim, a capacidade que nós (brasileiros) temos em converter poder militar, política externa e Cultura em *Soft Power* e desta forma atrair e influenciar outros países e civilizações com nosso peculiar “jeitinho brasileiro”⁶.

Sendo assim, é importante entrelaçar o tema de Defesa Nacional e Cultura, no ponto em que eles se convergem, visto que segundo Marcio Rocha, “Defesa Nacional significa a organização e a aplicação dos recursos de **toda**⁷ ordem à disposição do Estado com a finalidade de atingir o nível de segurança estipulado pelo poder político”⁸, sejam eles recursos diplomáticos, bélico-militar ou de *Soft Power*. Portanto, as atividades voltadas para Defesa Nacional são todas as atividades da sociedade que tenham como objetivo manter a segurança do Estado. Desta forma, a cultura como forma de atividade humana, pode e deve ser encarada como um recurso de poder.

1.2 Tema, pergunta e Objetivo.

Dentro desta perspectiva é que o tema deste trabalho se insere e se apresenta com relevância, visto que a cultura e a moral vêm ganhando cada vez mais prestígio na atualidade, não que as outras formas de recursos de poder, como o militar, econômico, político e tecnológico tenham caído em desuso, ou não devam ser consideradas, mas nesse novo cenário internacional que se apresenta no século XXI, com atores não

⁵ O maior espetáculo da terra – 30 anos de sambódromo. (PRESTES FILHO, 2015).

⁶ O jeitinho brasileiro: a arte de ser mais igual que os outros. (BARBOSA, 2006).

⁷ Grifo do autor.

⁸ ROCHA, Márcio. Defesa Nacional: uma abordagem conceitual.

estatais influenciando cada vez na política externa e de defesa das nações, mudanças climáticas e pandemias corroboram para criar um ambiente internacional cada vez mais difuso.

Em seu livro sobre o “futuro do poder” (NYE, 2012), Nye afirma que o poder depende do contexto, e apresenta o contexto do poder com o passar dos séculos, onde no século XVI controlar colônias e obter barrar de ouro proporcionava poder à Espanha, e já no século XVII a Holanda mantinha sua hegemonia com comércios e finanças; no século XVIII, a França despontava na liderança graças a sua população e seu exército, que eram os maiores no contexto Europeu. No XIX, o poder hegemônico da Grã-Bretanha baseou-se na sua revolução industrial e em sua Marinha. Ainda segundo Nye “a sabedoria convencional afirmou que o Estado com o maior poder militar prevalece” (NYE, 2012, p.14).

A questão é saber se no século XXI, na era da informação e da globalização, os poderes militar e econômico serão preponderantes para definir uma potência mundial ou até mesmo um líder regional, ou se o Soft Power de países como Brasil, Canadá e Austrália pode influenciar substancialmente no ambiente internacional.

Deste modo, os estudos de Defesa, Política Externa, *Soft Power* e estudos estratégicos que este trabalho se presta a fazer precisam receber um olhar tipicamente brasileiro, corroborando com autores consagrados tais como Golbery do Couto Silva, Therezinha de Castro, Armando Vidigal, Eurico de Lima Figueiredo e Meira Matos, que souberam e sabem retratar o pensamento brasileiro contemporâneo, baseados não apenas em teorias de RI, mas em conceitos geopolíticos e geoestratégicos, principalmente nos interesses que o Brasil almeja em seu entorno estratégico (VIOLANTE, 2017), para desta forma identificar se a Defesa Nacional tem sido facilitada pela influência positiva da cultura brasileira.

E é neste mesmo viés, de olhar os problemas brasileiros com a ótica da brasilidade, que surge o problema a ser estudado neste artigo: A influência positiva da cultura brasileira que produz recursos de *Soft Power* no entorno estratégico brasileiro tem contribuído para a Defesa Nacional no Século XXI?

Portanto, um país como o Brasil precisa definir suas pretensões de maneira cada vez mais racional e clara, de tal maneira que possa alcançar a tão almejada liderança na América do Sul, investindo numa inserção internacional fundamentada no *Soft Power*, calcada na política externa brasileira sustentada pelos valores culturais, sociais e

políticos deste país, visto que os caminhos que passam pela ascensão exclusivamente econômica e militar tendem a ser cada vez mais rechaçada pela comunidade internacional. Possibilitando um Brasil que siga o exemplo da China, que ao investir em *Hard Power* e em *Soft Power* na mesma proporção, passa a transmitir uma “ideia de sua “ascensão pacífica” e, assim, impedir um equilíbrio de poder compensatório.” (NYE, p.12, 2012).

2.PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Este capítulo tem como propósito apresentar os principais aspectos teóricos necessários para uma melhor compreensão do cerne desta pesquisa. Portanto, serão abordados os principais paradigmas das Relações Internacionais. Posteriormente, serão pontuados os conceitos de Poder, mais especificamente *Hard Power*⁹ e *Soft Power*¹⁰. E, por fim, apresentar os conceitos de segurança nacional e Defesa Nacional, inseridos no contexto dos Estudos Estratégicos, com o propósito principal de desmistificar a interpretação popular de que ambos são sinônimos.

Contudo, antes de iniciar uma análise dos principais referenciais teóricos, faz-se necessário apresentar um breve panorama do atual Sistema Internacional Moderno e seu contexto histórico.

2.1 O Sistema Internacional Moderno.

A formação dos Estados modernos tem seu marco inicial com a Paz de Vestefália em 1648. O foco principal dos conflitos europeus no século XVII era a emergência da França como uma potência hegemônica no cenário Internacional, e vale frisar que o sistema westfaliano permitiu a redefinição das fronteiras políticas da Europa, alterando a balança de poder e propiciando uma disputa pela hegemonia mundial, que desencadeou

⁹ Usualmente traduzido do inglês como Poder Duro, contudo neste trabalho será usado o termo em inglês, visto que a tradução pura e simples para o português acaba por restringir o conceito apresentado pela palavra em seu idioma nativo.

¹⁰ Usualmente traduzido do inglês como Poder Brando ou Suave, considero a mesma observação apresentada ao conceito anterior.

o surgimento de novas potências, fruto principalmente do equilíbrio de poder. Os resultados foram as guerras napoleônicas e a 1ª e 2ª Guerras mundiais.

No século XVII, o cardeal Richelieu francês e católico passa a colocar o interesse do Estado acima dos interesses universais da igreja, e introduz a maneira moderna de pensar relações internacionais, calcada no conceito de estado-nação, onde os interesses egoístas de cada estado contribuiriam de alguma forma para a segurança e desenvolvimento dos demais (*raison d'état*¹¹). No século seguinte, a Inglaterra introduz o conceito de equilíbrio de poder, definindo como interesse nacional a manutenção do equilíbrio europeu, que dominou a diplomacia europeia nos 200 anos seguintes. No século XIX, a Áustria reconstruiu o Concerto Europeu e a Alemanha de Bismark o demoliu, com a *Realpolitik*¹² (KISSINGER, 2012, p.01). Desta forma é evidente que basta uma transformação dentro do regime de uma das principais potências da época, para que mude o estilo e até mesmo o rumo das relações internacionais (ARON, 2002, p.54).

Segundo Aron, o “Sistema Internacional é o conjunto constituído pelas unidades políticas que mantêm relações regulares entre si e que são suscetíveis de entrar numa guerra geral” (2002, p.153). Vale ressaltar que os Estados nunca foram os únicos atores a influenciar nas relações internacionais, e que, cada vez mais, corporações multinacionais emergentes e atores não estatais têm rivalizado em influência e até mesmo em termos econômicos com alguns Estados, o que tem alterado de forma significativa a compreensão do Sistema Internacional moderno.

Fruto destas mudanças, o século XXI inaugura uma nova ordem internacional, que está marcada por uma “aparente” contradição: de um lado, a fragmentação dos Estados, que se assemelha ao sistema de estados europeus dos séculos XVIII e XIX, com aproximadamente seis potências¹³; e do outro, a crescente globalização, tornando as relações internacionais realmente globais, com comunicações cada vez mais instantâneas, meios de transporte mais eficientes propiciando o encurtamento das distâncias, uma economia mundial interconectada, e questões de direitos humanos e meio ambiente, o que tem influenciado as decisões estatais, até mesmo dos estados

¹¹ O bem-estar do estado justifica os meios para alcançá-lo, o interesse nacional tende a suplantiar a noção de moralidade universal (KISSINGER, 2012, p.40)

¹² Relações entre estados determinadas pelo uso irrestrito do poder bruto, onde o mais poderoso prevalecerá (KISSINGER, 2012, p.85).

¹³ Estados Unidos, Europa, China, Japão, Rússia e provavelmente Índia. (KISSINGER, 2012, p.07)

mais poderosos, graças ao deslocamento do poder para os atores não estatais (KISSINGER, 2012, p.07).

2.2 Teorias das Relações Internacionais.

De alguma forma toda teoria de relações internacionais representa um resumo do pensamento e modo de agir dos atores no âmbito externo, espelhando uma tentativa de compreender, explicar e até mesmo decifrar o mundo sob uma determinada ótica, as correntes mais amplamente divulgadas e estudadas são as teorias realista e suas variantes, assim como o liberalismo e seus desdobramentos, deste modo serão apresentados os princípios mais relevantes destes paradigmas.

2.2.1 Realismo e suas vertentes.

De acordo com a corrente realista o sistema internacional se assemelha ao estado de natureza hobbesiano, com uma aparente anarquia sistêmica, centrada na incerteza e na desigualdade inerente aos Estados, o modelo realista clássico introduzido por Maquiavel, Richelieu e Hobbes no mundo ocidental, reafirma o padrão do “dilema de segurança”, de tal forma que para aumentar a percepção de segurança do estado, o mesmo amplia sobremaneira seus investimentos na área de Defesa, como consequência implica num aumento de insegurança nos estados vizinhos. Outra característica marcante do realismo é que os temas de moralidade e éticas aplicadas pelo estado assumem um caráter de flexibilidade, propiciando ao estadista decisões que sejam de fato, em benefício do estado, como a *raison D`état*, sendo assim, Castro apresenta “o realismo clássico, em razão da necessidade de sobrevivência e da autoajuda dos Estados, vai se fundamentar no primado do egoísmo ético.” (CASTRO, 2012, p.316).

O mundo pós-guerra, com novas tecnologias, rivalidade global bipolarizada (EUA e URSS) e a era nuclear das relações internacionais, inicia uma nova interpretação dos conceitos realistas de autores clássicos ocidentais já apresentados, corroborando para o surgimento da maneira de pensar e de agir do realismo neoclássico. A principal obra que marca este período é *Política entre as Nações* de Hans Morgenthau, com uma tentativa objetiva de explicar a teoria realista neoclássica com seus seis axiomas centrais, de acordo com Morgenthau “o conceito de interesse definido como poder impõe

ao observador uma disciplina intelectual e introduz uma ordem racional no campo da política, tornando possível, desse modo, o entendimento teórico da política” (2003, p.07).

Outros autores foram de fundamental importância para formular o *ethos* teórico realista, tal qual, Kenneth Waltz que inaugura o neorealismo sendo considerado um dos principais sucessores de Morgenthau, ao desenvolver a teoria de equilíbrio de poder (balança de poder), e reafirmar o sistema de autoajuda (interesse próprio do estado), entretanto, pontuando as limitações estruturais para as ações externas do Estado. Desta forma, Waltz propõe que “Em relações internacionais, como em qualquer sistema baseado em interesse próprio (autoajuda), as unidades de maior capacidade estabelecem o cenário da ação para os outros, assim como para si mesmos. (...) e a estrutura de um sistema é gerada pelas interações das suas principais partes.” (2003, p.105).

2.2.2 Liberalismos e seus desdobramentos.

O liberalismo não rejeita a assertiva de que os estados são atores importantes no sistema internacional, contudo destaca o multilateralismo, a natureza das organizações internacionais, as interações econômicas, culturais e sociais características do século XX e XXI, como fatores mais importantes para o estabelecimento do *status quo*.

Por muitas vezes, o Liberalismo foi relegado ao segundo plano e menosprezado como forma “utópica” ou até mesmo “idealista” das relações internacionais, em consequências disso muitos teóricos, principalmente realistas, utilizam o termo “idealismo” para identificar tal corrente.

Fundamentado basicamente no pensamento iluminista do século XVIII, o liberalismo nas relações internacionais se apresenta imerso em princípios positivistas, que ressaltam a crença no progresso humano, a visão otimista sobre a natureza humana, a divisão de responsabilidades em prol da paz, justiça e cooperação, bem como a evolução do direito internacional baseado na força normativa das instituições multilaterais. Reforçado pelas palavras de Gonçalves “em sua condição de corrente teórica das relações internacionais, o liberalismo apresenta não só uma dimensão analítica, mas também uma dimensão normativa, ou seja, além de pretender mostrar como a realidade é, pretende mostrar como ela deve ser.” (2002, posição 531)

Com o término da Primeira Guerra Mundial a perspectiva liberal passou a influenciar de maneira mais decisiva as relações internacionais, baseada principalmente

nos quatorze pontos do presidente Woodrow Wilson, que propunha em seus pontos iniciais democracia, livre-comércio, desarmamento, respeito ao direito de autodeterminação dos povos e direitos internacionais, como forma de corrigir os “erros” do tradicional sistema de equilíbrio de poder (Vestefália), e desta maneira criar o ambiente propício para a paz mundial duradoura (GONÇALVES, 2002, posição 555).

Após a guerra fria, período em que os ideais realistas eram dominantes, a visão liberal voltou a gozar de certa credibilidade nos debates internacionais, fruto da crescente globalização e do alto grau de interdependência econômica entre os estados, questões como defesa do meio ambiente, narcotráfico, defesa dos direitos humanos, combate ao racismo e discriminação de toda natureza, direito da mulher e da criança deixaram de ser de gerencia exclusivamente Nacional e passaram a ser discutidas em fóruns internacionais (GONÇALVES, 2002, posição 555), apontando para uma maior influência da corrente liberalista/idealista no sistema internacional do século XXI.

2.3 O Poder no Sistema Internacional.

O fato de o “Poder” ser algo impreciso e complicado de medir, não o torna um conceito desprovido de significado. Suas ações e desdobramentos permeiam nossas vidas cotidianamente, apesar de nossa incapacidade de quantificá-lo.

Durante a guerra fria, como uma tentativa de mensurar o “poder” das superpotências, Ray Cline chegou a uma fórmula matemática que quantificava o Poder Percebido, após colocar os números nesta equação. Ray chegou à conclusão que a URSS era duas vezes mais poderosa que os Estados Unidos. Infelizmente, o conceito de “Poder” não se aplica no Sistema Internacional da mesma forma que se aplica na física ou na matemática. (NYE, 2012, p.23)

Segundo Nye, o poder é um conceito amplamente questionado, assim como outras ideias básicas aplicadas em nossas vidas, e nem mesmo a definição mais genérica de poder é aceita por todos que usam tal conceito. A escolha de uma definição tende a refletir os valores e interesses de uma pessoa. (NYE, 2012, p.26)

Uma definição genérica conceitua o poder como sendo a capacidade de fazer ou resistir a mudanças. Partindo do mais amplo para o mais específico, de acordo com o famoso teórico social Max Weber, “entende-se por poder a oportunidade existente dentro de uma relação social que permite a alguém impor sua própria vontade mesmo contra a

resistência” (WEBER, 2002, p.97). Seguindo a mesma lógica, Aron afirma que “o poder de um indivíduo (...) é a capacidade influir a conduta ou os sentimentos dos outros indivíduos” (ARON, 2002, p.99). Paralelamente, conclui que o poder no sistema internacional é a capacidade que uma unidade política tem de impor sua vontade aos demais Estados (ARON, 2002, p.99).

Desta maneira, o poder dos Estados nas Relações Internacionais é medido em termos como recursos e comportamentos que visam alcançar resultados preferidos. Sendo assim, de acordo com Nye, é de suma importância, antes de tudo, definir o escopo (quem se relaciona) e o âmbito do poder (qual o tópico envolvido), especificando “para quê” um ator “tem poder”. Por exemplo, o papa tem poder sobre alguns cristãos (católicos), mas não sobre outros (protestantes). (NYE, 2012, p.27). Corroborando com as outras definições de poder, Joseph Nye em “*Soft Power: The Means to Success in World Politics*” define o poder como sendo “a capacidade de influenciar o comportamento dos outros para obter os resultados desejados.”¹⁴ (NYE, 2004, I.159). Desta forma, pode-se desmistificar o conceito prévio de poder, como sendo apenas obrigar alguém a fazer algo que ele não quer (sentido estrito), e passa a ser entendido também como convencer alguém a fazer algo por “vontade própria” (sentido amplo), ou pelo menos que essa pessoa pense que está fazendo por vontade própria.

O poder, de maneira geral, poder ser percebido em termos de recursos (tangíveis ou intangíveis), o que o torna de certa forma previsível e concreto. Não obstante, para se entender o poder de um modo mais amplo, faz-se necessário compreender os relacionamentos de poder que permeiam o Sistema Internacional. A forma de compreender o poder nas relações internacionais passa não apenas pelos recursos de poder tangíveis (*Hard Power*) e intangíveis (*Soft Power*), ou pelos elementos que sustentam os relacionamentos de poder, mas pela combinação de ambos.

2.3.1 Hard Power

O entendimento de *Hard Power*, como já explicitado anteriormente, denota a vertente mais “tangível” do poder, sendo destrinchada por Nye em duas dimensões, a dimensão militar e a dimensão econômica. A sua vertente militar vai além das guerras e

¹⁴ Tradução do autor de “is the ability to influence the behavior of others to get the outcomes one wants.”

intervenções militares propriamente ditas, ela perpassa o campo da indução, coerção e dissuasão das Forças Armadas de um determinado país, uma “simples” demonstração de força pode ser inserida na dimensão militar, assim corroborando com este entendimento de poder, Nye afirma:

Durante uma guerra, um Estado que se encontra em posição de subjugar um outro tem a capacidade, ligada a ameaça, medo ou punição, de persuadir, dissuadir ou induzir, para que o Estado subjogado faça o que o subjugador deseja (NYE, 2002 apud MARTINELLI, 2016, p.5)

A outra dimensão do *Hard Power* é conceituada por Nye como sendo a força econômica de um país, não apenas na capacidade que ele tem de produzir riquezas, mas de aplicar essa capacidade econômica de maneira coercitiva, impondo sanções econômicas, embargos e suspensão de subsídios. O *Hard Power* em sua vertente econômica vai além de valores de PIB analisados de maneira estanque, como cita Martinelli: “A relação do *Hard Power* com a vertente econômica gira em torno do potencial econômico de um ator e da capacidade de articulação de temas ligados à economia (...) que vai além do volume econômico em si como é caso do PIB”(MARTINELLI, 2016, p.5). Sendo assim a imposição da vontade de um Estado pode ser reflexo de seu poder econômico, quando este volume econômico é transformado em Poder coercitivo.

2.3.2 Soft Power

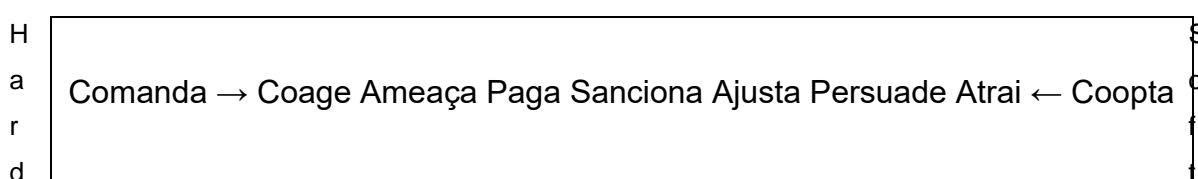
O *Soft Power*, parte intangível do poder, não é uma ferramenta de uso restrito dos Estados, outros atores, incluindo os não-Estatais, como corporações, instituições, ONGs e até mesmo redes terroristas podem empregar seus recursos. Sendo assim, não existe um monopólio do Estado para seu uso, isso porque suas características indiretas e transnacionais englobam aspectos ideológicos e socioculturais, que muitas das vezes transcendem os limites de atuação do Estatal, como afirma o professor e Doutor Eduardo Heleno em seu artigo: “Diferentemente do poder bélico, que prescinde do poder governamental que monopoliza e regula a sua utilização, o *Soft Power* emana de maneira mais difusa e não controlada.” (HELENO, 2011, p.42).

Segundo Nye, os críticos deste conceito, pensam que o “*Soft Power*” parece significar tudo e se queixam também que sua definição parece ser confusa e difícil de explicar, se mostram equivocados, porque tendem a confundir os atos dos Estados com

os recursos utilizados para gerá-los. Existem vários recursos que podem produzir “Soft Power”, mas isso não quer dizer que o “Soft Power” seja qualquer tipo de comportamento. (NYE, 2012, p.43)

Ainda segundo Nye o “Hard Power” requer o uso de força, pagamentos e alguns ajustes de agenda baseados neles. Do outro lado do espectro estão os comportamentos que estão inseridos no “Soft Power”, baseados em ajustes de agenda encarados como legítimos pelo alvo, a atração positiva e a persuasão cooptativa. (NYE, 2012, p.44)

Quadro 1 – Espectro dos comportamentos do poder.



Fonte: O futuro do poder, 2012.

Como bem explicita Joseph Nye em “O futuro do Poder”, o *Soft Power* não pode ser entendido como uma forma de Idealismo ou Liberalismo, sua definição mais elementar pode ser extraída de seu nome, Poder. *Soft Power*¹⁵ antes de tudo é uma forma de Poder, um modo de conseguir os resultados preferidos. (NYE, 2012, p.117).

Mais especificamente, o Soft Power não é a simples capacidade de influenciar outros Estados, pois a influência também pode ser observada na face *Hard* do poder, através de ameaças e persuasão, o espectro *Soft* vai além da influência, segundo Nye “é a capacidade de atrair, e a atração muitas vezes leva a aceitação. Simplificando, em termos comportamentais Soft Power é o poder atrativo.” (NYE, 2004, l.231). Portanto o Soft Power pode ser entendido como o Poder de atração que um Estado tem sobre o outro, um meio sedutor que induz um Estado a imitar padrões culturais, valores políticos, e mesmo política Externa.

Desta forma, me permito traçar um paralelo dos conceitos de liderança, poder e autoridade de James Hunter, com as ideias de Nye acerca do poder atrativo, onde as definições de “Liderança: É a habilidade de influenciar pessoas para trabalharem entusiasticamente visando atingir aos objetivos identificados como sendo para o bem comum.”, “Poder: é a faculdade de forçar ou coagir alguém a fazer sua vontade, por

¹⁵ Grifo do autor

causa de sua posição ou força, mesmo que a pessoa preferisse não o fazer.” e “Autoridade: A habilidade de levar as pessoas a fazerem de boa vontade o que você quer por causa de sua influência pessoal.” (HUNTER, 2004, p.13), podem ser comparadas ao *Soft Power*, que guardando suas devidas proporções, se apresenta como uma forma de influência no âmbito das Relações Internacionais, é curioso observar que ambas as teorias “inovadoras”, tanto de liderança interpessoal, como de liderança “interestatal”, foram concebidas quase que simultaneamente.

Ainda dentro desta temática é importante frisar que o *Soft Power*, sendo parte sociocultural e ideológica de um Estado, percorre todos os ramos da sociedade, estando presente nos meios de comunicação, no idioma falado e escrito, nas culturas de massas de determinada sociedade (ex: novelas, filmes, paixão por esportes, preferências musicais, entre outros) e chegando até o indivíduo propriamente dito, corroborando com este argumento cito: “Uma das diversas fontes de poder brando elencada pelo autor é a cultura de massa.” (HELENO, 2011, p.42). E a capacidade que um Estado, ou até mesmo um ente não-Estatal tem de atrair outras culturas a se moldarem conforme a sua, ouvindo suas músicas, preferindo sua comida, passando a optar pelo seu esporte nacional, e até mesmo falando seu idioma, tudo isto pode ser considerado uma aplicação legítima dos recursos de *Soft Power*, caso sejam alcançados os resultados preferidos.

2.3 Segurança e Defesa dos Estados no âmbito internacional.

Inseridas dentro da área de Estudos Estratégicos, a Segurança e Defesa não devem ser interpretadas como sinônimas entre si, ambas possuem conteúdos conceituais próprios, enquanto os Estudos Estratégicos subscrevem diversas áreas do conhecimento e devem ser compreendidos de modo mais amplo. (FIGUEIREDO, 2014, p.02)

A esfera dos Estudos Estratégicos é interpretada de diferentes maneiras pelos teóricos da área, alguns consideram seu escopo como sendo multidisciplinar¹⁶, outros interpretam seu objeto de estudo como sendo um fenômeno bélico¹⁷. Para outros ainda, antes de constituírem um objeto claro de estudo, se apresentam em “um ambiente de

¹⁶ Baylis e Wirtz, 2002

¹⁷ Proença Filho, 2004, p.114

pesquisa, de reflexão e de perspectivas onde assuntos relacionados às questões militares encontrariam espaço comum” (OLIVEIRA apud FIGUEIREDO, 2014, p.02). Outra perspectiva considera principalmente o Estado como agente formulador do planejamento e da ação estratégica, desta forma, a essência do Estudo é de natureza intrinsecamente política (FIGUEIREDO, 2014, p.02), portanto o próprio professor Figueiredo chega à seguinte definição: “Os Estudos Estratégicos se constituem em área de conhecimento próprio, identificando seu objeto no compósito “Defesa Nacional/Segurança Internacional” (Figueiredo, 2015, p.121).

A Defesa Nacional por vezes também é entendida apenas no seu sentido estrito, sendo quase sempre confundida com o conceito de segurança ou até mesmo, simplificada a simples existência das Forças Armadas de um país. Para que a Defesa possa ser entendida de maneira ampla é preciso conceituar Segurança Estatal e Defesa Nacional, além de explicar a importância da influência do Estado e da aplicação das diversas formas de poder em prol da Defesa Nacional.

Face às mudanças que vem ocorrendo no ambiente internacional no Séc XX e XXI, o fenômeno da globalização e da interdependência dos Estados, influenciaram diretamente o conceito de Defesa, que precisa ser compreendida *lato sensu*, sendo assim, antes de tudo é interessante explicar que Segurança inscreve em si o conceito de Defesa Nacional propriamente dito, que segundo a Política Nacional de Defesa, Segurança é entendida por ser

a condição que permite ao País preservar sua soberania e integridade territorial, promover seus interesses nacionais, livre de pressões e ameaças, e garantir aos cidadãos o exercício de seus direitos e deveres constitucionais¹⁸

Antes de tudo, para o crescimento e desenvolvimento do Estado é mandatório o estabelecimento da Segurança, em seu amplo espectro que passa desde o campo da política, atravessando os campos militar, econômico, psicossocial, científico-tecnológico, ambiental e outros.

Portanto, as ações realizadas pelo Estado em prol da segurança do mesmo se materializam no conceito de Defesa Nacional, que *stricto sensu*, pode ser entendido pela

¹⁸ Política Nacional de Defesa. Presidência da República. Brasília: 2012, p.12.

sociedade como sendo unicamente as ações realizadas pelas Forças Armadas, como bem explica o professor Eurico Figueiredo:

”Defesa” refere-se, por uma parte, ao uso da força, e exibe caráter militar; e, por outra parte, ao emprego dos instrumentos diplomáticos que permitem, em situação de tensão entre Estados, a negociação dos interesses e objetivos das partes envolvidas, visando a manutenção da paz.¹⁹

Contudo, as mudanças no cenário internacional conduziram os Estados a pensar em Defesa Nacional em sentido amplo, onde seus “tentáculos” permeiam vários ramos da sociedade como bem explicita o Doutor Marcio Rocha:

Devem ser consideradas outras atividades do Estado nesse esforço, tais como: o desenvolvimento de atividades de Inteligência Estratégica; a criação e a manutenção de uma robusta base industrial de defesa; a capacidade de desenvolver ciência & tecnologia e pesquisas de interesse da Defesa Nacional; a capacidade de desenvolver um eficiente processo de mobilização, tanto industrial, quanto de infraestrutura para atendimento às necessidades específicas de Defesa, bem como na capacitação de profissionais civis e militares voltados para a gestão dos complexos processos de Defesa; na elaboração de políticas públicas objetivas voltadas para a organização, orientação e fortalecimento das atividades de interesse da área de Defesa, etc.²⁰

Portanto a Defesa Nacional deixa de ser matéria exclusiva das Forças Armadas e passa a integrar os diversos ramos da sociedade Civil, e é importante informar toda a população nos assuntos atinentes à Defesa Nacional, e seus diversos segmentos de atuação, de forma que, cada individuo na sociedade atual está de alguma forma inserido na política de Defesa, como cita Celso Amorim na Revista Política Hoje: “é conscientizar todos os segmentos da sociedade brasileira da importância da defesa do País e de que esta é um dever de todos os brasileiros”.²¹

O conjugado Segurança e Defesa Nacional, como já exposto neste subitem, estão intrinsecamente ligados aos Estudos Estratégicos, onde se ressalta o caráter político²² do estudo, de modo que o pensar “Defesa” não pode de maneira alguma descartar a ação dos Estados, tão pouco dos atores não-Estatais, vistos de maneira estanque, senão por

¹⁹ FIGUEIREDO, Eurico. Rev. Bra. Est. Def. v. 2, nº 2, jul./dez. 2015, p.117

²⁰ ROCHA, Márcio. Defesa Nacional: uma abordagem conceitual.

²¹ AMORIM, Celso. Revista política hoje, Vol 21, n.02, 2012, p.332.

²² Que diz respeito ao fenômeno do poder do Estado (sua própria existência como tal, ou sua “soberania”). (FIGUEIREDO, 2015, p.121).

sua integração e simbiose no ambiente internacional, o que compõem necessariamente o que conhecemos como sistema de segurança internacional. (FIGUEIREDO, 2015, p.121).

Desta maneira a Defesa Nacional pode ser entendida como o meio pelo qual todos os indivíduos que compõe um Estado podem contribuir a sua maneira para alcançar o fim desejado, a segurança do Estado, tão logo concluo também que as Forças Armadas tem uma parcela preponderante dentro da Defesa Nacional, mas com esta breve explanação fica fácil desmistificar, seu papel exclusivo perante a sociedade.

3. OS DIFERENTES PRISMAS DA CULTURA.

Como exposto no capítulo anterior, o Poder é a capacidade que um Estado tem de “impor” sua vontade a outros Estados ou até mesmo influenciar o comportamento deles, de modo a conseguir um resultado preferido (ARON, 2002, p.99 e NYE, 2002). Essa percepção de Poder, de maneira geral, é basicamente fundada nos recursos que cada Estado pode exercer, recursos estes que podem ser de *Hard Power* ou *Soft Power*.

A cultura de uma forma geral tem a capacidade de gerar recurso de Poder, principalmente de valor intangível, contudo não se deve limitar sua atuação apenas em termos culturais, outros pontos como Política Externa e valores Políticos são entendidos como formas de Poder atrativo²³, vale ressaltar uma passagem do livro “O Futuro do Poder” que corrobora com o estudo em questão, onde apresenta que “Os tipos de recursos associados ao *Soft Power* com frequência incluem fatores intangíveis, como instituições, ideias, valores, **cultura**²⁴ e a legitimidade percebida das políticas.” (NYE, 2012, p.44).

A cultura por si só não pode ser entendida como um recurso que gera poder, visto que essa cultura deve ser percebida de forma positiva por outros Estado para que possa gerar atração, o fato do ditador norte coreano kim Jong-un apreciar os desenhos da Walt Disney Company (marca registrada da Cultura Norte Americana), não limita, por si só, seu ódio pelos EUA, fato é, que a possibilidade da cultura gerar um comportamento

²³ Com base na definição de Joseph Nye acerca do *Soft Power* (NYE, 2004, l.231), Poder atrativo será utilizado como sinônimo de *Soft Power*.

²⁴ Grifo do autor

desejado, não pode ser confundida com o comportamento em si. Segundo Nye, “se o controle dos recursos de poder realmente vai produzir um comportamento favorável, isso vai depender do contexto e das habilidades do agente em converter os recursos em resultados comportamentais.” (NYE, 2012, p.46).

Desta forma o presente capítulo percorrerá uma linha do geral até chegar ao específico, e posteriormente associar, *stricto modus*, aos resultados desejados gerando poder, portanto, irá abordar as definições de cultura, de um modo geral, partindo posteriormente para o caso específico do Brasil, de maneira a apresentar os principais pontos da cultura brasileira e por fim como a cultura, em contextos específicos, podem gerar recursos de Soft Power.

3.1 O que é Cultura.

Assim como o Poder, existem inúmeras definições para cultura, e um bom lugar para se iniciar qualquer definição é o dicionário, que nos apresenta a cultura como sendo o “Conjunto dos hábitos sociais e religiosos, das manifestações intelectuais e artísticas, que caracteriza uma sociedade”²⁵, alguns teóricos tendem a diferenciar alta cultura e cultura popular²⁶, além de introduzirem também o conceito de cultura de massa que de alguma forma pode ser encarada como um sinônimo para cultura popular.

Edward Tylor foi o primeiro antropólogo a escrever uma definição sobre a cultura, e a apresenta no primeiro parágrafo de seu livro “a ciência da cultura” como sendo “todo aquele complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costumes e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem na condição de membro da sociedade” (TYLOR, 2009, I.16), já segundo Kluckhohn apud Clifford a cultura apresenta diversas definições, das quais Clifford destaca a cultura como “o modo total de vida de um povo”, “uma maneira de pensar, sentir e acreditar”, “um galpão de aprendizado coletivo” e “um mecanismo para a regulação normativa do comportamento”²⁷.

²⁵ <www.dicio.com.br/cultura> acesso em 26/09/2019

²⁶ High culture and popular culture (NYE, 2004, I.838)

²⁷ “the total way of life of a people”, “a way of thinking, feeling, and believing”, “a store-house of pooled learning” e “a mechanism for the normative regulation of behavior” (CLIFFORD, 1973, p.04, tradução nossa)

Durante seu livro “the interpretation of culture”, Cliffford chega a sua própria conclusão e define a cultura como padrões comportamentais, historicamente transmitidos através dos símbolos e crenças, por meio dos quais os indivíduos de um determinado povo se comunicam, desenvolvem seus conhecimentos e immortalizam suas ações durante sua existência. (CLIFFORD, 1973, p.89), as definições apresentadas nos permitem compreender que existem aspectos culturais que são católicos, outros que traduzem perspectivas nacionais, outros ainda mais específicos comunicam as relações das classes sociais ou de pequenos grupos.

Fato é que a cultura permeia toda área do conhecimento humano, todos os costumes, crenças, formas de falar, atitudes diárias, preferências e até a produção científica, são exemplos das áreas em que a cultura de um povo abarca, não se limitando apenas a estas mencionadas, todo esse conjunto de comportamentos de um determinado grupo forma uma “marca registrada” desse povo.

Portanto a cultura pode ser entendida como um oceano onde o peixe está imerso, e sem perceber a existência da água, vive sua vida, assim é o homem em sua existência e em sua perpetuação cultural, as características culturais são propagadas, mesmo que o indivíduo não se dê conta de sua existência, o idioma falado, o esporte preferido, as comidas, músicas, danças e atitudes comportamentais, estão presentes diariamente na vida do cidadão de forma que, a cultura molda o agir do indivíduo e a forma de agir perpetuada no tempo cria a cultura.

Mais precisamente, do mais amplo para o específico, sendo cultura todo exposto anterior, civilização é, portanto a parte alta dos agrupamentos culturais de pessoas e o nível mais amplo de identificação cultural que o indivíduo pode experimentar, a partir do qual lhe distingue dos demais seres humanos. Uma civilização é definida por elementos objetivos comuns, tais como idioma, linhagem histórica, religião, tradições, instituições e principalmente pela auto-identificação subjetiva dos indivíduos que a compõem. (HUNTINGTON, 1996, p.47)

Vale ainda ressaltar o caráter dinâmico²⁸ e enérgico com que a cultura se molda no tempo, determinante característica que influencia decisivamente nas relações sociais e interestatais do período em que se propõem a estudar, pois como bem apresenta Nye “culturas diferentes, interação de maneiras diferentes” (NYE, 2012, p.119), e

²⁸ (LARAIA, 2001, P.94)

complemento afirmando que as culturas de períodos (tempos) diferentes, mesmo que sendo a mesma cultura, por sua característica dinâmica se molda conforme seu tempo, e se torna, ainda que a mesma, distinta.

3.2 A Cultura brasileira.

A tentativa de definir o que é cultura tem o propósito básico de determinar as ações mais comumente apresentadas por um determinado povo, definir todas estas ações e características de uma sociedade é uma tarefa árdua e que demanda um tempo considerável de análise. Ademais, para que se tenha uma visão mais completa do que realmente é a cultura de um dado povo e sua origem, faz-se necessário um olhar interno, sob uma perspectiva nacional, que tente observar de dentro as origens dos costumes, ritos, manifestações artísticas, formação étnica, entre outros fatores, que deram origem ao que é hoje a cultura nacional, desta forma, como explica Darcy Ribeiro no prefácio de seu livro “O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.”, que para entender o modo de vida do brasileiro, e por assim dizer sua cultura, surge

a necessidade de uma teoria do Brasil, que nos situasse na história humana, (...) Faltava ainda uma teoria da cultura, capaz de dar conta da nossa realidade, em que o saber erudito é tantas vezes espúrio e o não-saber popular alcança, contrastantemente, atitudes críticas. (RIBEIRO, 1995, p.16).

Desta maneira nada melhor que teóricos brasileiros, que pensaram o Brasil sob um olhar tipicamente nacional, para tentar explicar o que é a tão colorida, enigmática e distinta cultura brasileira.

Antes de explicar o que é a cultura brasileira propriamente dita, é importante pontuar como foi formado o povo brasileiro, sua gênese e antecedentes. O povo brasileiro tem sua origem na interseção do “descobridor” ibérico-lusitano, com os índios e campineiros que já habitavam a terra brasilis e os negros africanos que aqui chegaram como escravos.

Vale citar que “Nessa confluência, que se dá sob a regência dos portugueses, matrizes raciais díspares, tradições culturais distintas, formações sociais defasadas se enfrentam e se fundem para dar lugar a um povo novo” (RIBEIRO, 1995, p.19), surge então o povo brasileiro como uma etnia nacional própria, novo porque não se assemelha culturalmente de suas matrizes formadoras vista separadamente, novo também porque

é um povo claramente mestiço de estereótipo e de alma, além de apresentar traços marcantes de sincretismo religioso e artístico, novo ainda porque se vê e é visto como um povo diferente de todos que existiam, definitivamente novo, inclusive em sua formação socioeconômica baseada num escravismo reformulado e uma servidão ao mercado mundial. (RIBEIRO, 1995, p.19),

Fato é que a sociedade e a cultura brasileiras têm suas origens numa variação da versão portuguesa, com tradição europeia civilizatória, contudo, que se distingue dos antepassados ibéricos, pelo colorido, adereços e alma herdados dos índios americanos e dos negros africanos. Assim nasce o Brasil, marcado por características singulares, entretanto, ligeiramente preso à matriz lusitana. (RIBEIRO, 1995, p.19)

A tendência normal de um Estado recém-criado, com culturas totalmente distintas coexistindo em um mesmo território, é que surgisse uma sociedade multiétnica, onde povos distintos, com culturas ainda diferentes, coabitassem um mesmo espaço, mas não se enxergariam como um único povo, assim como ocorreu na Guatemala e Espanha²⁹, entretanto, no Brasil ocorreu propriamente o contrário, os povos que aqui se juntaram, se fundiram de verdade, e mesmo que os traços culturais de ancestralidade sejam visíveis ainda na fisionomia e na vida dos brasileiros, os mesmos não se distinguem em contrastantes minorias étnicas, culturais, religiosas ou regionais, que disputam autonomia frente ao Estado.

E é o que afirma Darcy Ribeiro: “os brasileiros se integram em uma única etnia nacional, constituindo assim um só povo incorporado em uma nação unificada, num Estado uni-étnico.” (RIBEIRO, 1995, p.22) que fruto da uniformidade cultural e dessa unidade nacional, que o povo brasileiro se solidificou e se identificou como brasileiro, já estava solidificado como Estado-nação quando recebeu um grande contingente de europeus e japoneses que fugiam da II Guerra mundial, o que possibilitou assimilar todas essas novas culturas na condição de brasileiros genéricos, assim como outros tantos contingentes de imigrantes, inclusive árabes de origens diversas. Todos esses traços formaram e vem formando a sociedade e cultura brasileira com sua peculiar diversidade, que pode ser visualizada na figura 1.

²⁹ “Ao contrário da Espanha, na Europa, ou da Guatemala, na América, por exemplo, que são sociedades multiétnicas regidas por Estados unitários”. (RIBEIRO, 1995, p.22)

A partir do exposto, pode-se afirmar então que a miscigenação é a palavra chave para entender a formação do que é hoje o povo brasileiro, e, desta forma, dentro desta temática, as pesquisas antropológicas dispensadas por Darcy Ribeiro na tentativa de explicar a cultura brasileira rica em diversidade através da formação miscigenada do nosso povo, no momento atual ganham ares de estudos biológicos com a geneticista Lygia da Veiga Pereira, que ao criar a primeira biblioteca de genomas do país, pode vir a comprovar biologicamente, o que a antropologia já nos indicava, “que somos o povo mais miscigenado do planeta e é justamente essa a nossa força.”³⁰

A figura 1 retrata muito bem os diferentes fenótipos existentes na sociedade brasileira, o que comprova o quão miscigenado é o nosso povo.

Figura 1 – Brasileiros fotografados ao longo de 4h em São Paulo.



Fonte: Revista GOL número 210, 2019.

Estas características prenunciadas por Darcy na introdução de seu livro são realmente traços marcantes da vida cotidiana do brasileiro. Portanto, parte de nossa cultura, outros elementos, além do modo de vida, tais como, o idioma único falado, diferenciado apenas por sotaques regionais, o uso de diminutivos para assim criar uma aproximação e simpatia, que familiariza pessoas e objetos, acompanhado da simpatia acrescenta-se outro traço de nossa cultura a cordialidade³¹, bem como a flexibilidade para se adaptar ao novo, e toda essa mistura de certa forma pode ser identificada no jeito malandro das rodas de samba, na ginga de capoeira nos terreiros, no molejo do

³⁰ Revista GOL número 210 setembro de 2019 p.03

³¹ Não apenas no sentido de bondade, mas também do contrário disso, a inimizade. (DE HOLANDA, 1995, l.166)

artista no gramado do futebol e claro no “jeitinho”³² tipicamente brasileiro de cada dia, que serão abordados neste tópico separadamente.

“Em sites de turismo, os brasileiros são definidos como “cordiais”. Em programas de tv, sambas-enredos, até em novelas voltaríamos ao homem cordial como nossa melhor promessa” (MOTEIRO, SCHWARCZ, 2016, l.329). A expressão homem cordial foi inaugurada por Sergio Buarque de Holanda na tentativa de “classificar” o modo de vida do brasileiro, o autor em seu livro “Raizes do Brasil” explicita que a grande contribuição do brasileiro para com a civilização mundial é a cordialidade. A simpatia no trato com o estrangeiro, a generosidade e a hospitalidade são características marcantes do caráter do povo brasileiro, contudo a “cordialidade” apresentada por de Holanda não materializa apenas feições positivas, o brasileiro, isento de ritualismo em seu trato social, não cai na obrigatoriedade do ritual, pelo contrário, se expressa quase sempre com espontaneidade e feições emotiva extremamente rica e transbordante, justamente esse por esse distanciamento da “civilidade”, o que acaba por cativar os estrangeiros que nos visitam.

Não que esta hospitalidade seja apenas uma forma de agradar ao próximo, mas uma máscara que tenta disfarçar de alguma forma os sofrimentos diários e assim permitir encarar a realidade da vida sofrida, como bem expressa Darcy Ribeiro ao falar sobre esse povo brasileiro “novo, inclusive, pela **inverossímil**³³ alegria e espantosa vontade de felicidade, num povo tão sacrificado, que alenta e comove a todos os brasileiros.” (RIBEIRO, 1995, p.19), acrescento ainda, que alenta inclusive os não brasileiros, que muito se espantam da alegria e simpatia de nossa gente.

O homem cordial de Sergio Buarque de Holanda só encontra a liberdade de sua vida dura e sacrificada quando do convívio com seus pares, portanto, faz da vida coletiva uma fuga de suas dificuldades diárias, se valendo das rodas de samba, dos estádios lotados e a multidão das praias para esquecer sua rotina árdua, desta forma “somos assim mesmo: bons de samba, de capoeira e de cordialidade” (MOTEIRO, SCHWARCZ, 2016, l.337).

³² Duas faces de uma mesma moeda, a ponto de ser considerado uma habilidade em determinadas ocasiões e corrupção e crime em outras.

³³ Grifo do autor.

Segundo Prado, Rocha interpreta o “homem cordial” como sendo aquele que age pelo coração, ignorando quase sempre a racionalidade e apelando para o impulso para basear suas atitudes e ações, e à medida que apela para o emocional, acaba por fim, se afastando da formalidade e também dos princípios e normas, rejeitando assim a ética, não discriminando o público do privado. Desta forma, criou no imaginário popular e por assim dizer na cultura popular a ideia de que as instituições públicas só poderiam funcionar através das mãos de “amigos”, o que acarreta neste mesmo homem cordial que por um lado é doce, afável e simpático, por outro acaba por utilizar uma série de “jeitinhos” para flexibilizar e enfrentar o que lhe é obrigado. (PRADO, 2016, p.8)

Com base nos autores supracitados, em especial Sergio Buarque de Holanda e Darcy Ribeiro que são a base para o entendimento do “jeitinho” brasileiro e da formação e forma de vida desse povo, constituindo assim sua cultura. Torna-se necessário saber como este povo sofrido, se utilizando deste recurso e suas habilidades inatas tais como flexibilidade e simpatia (cordialidade), conseguem, em seu cotidiano, manejar com as agruras ao longo de sua história.

3.2.1 O “jeitinho” brasileiro.

O famoso jeitinho brasileiro é uma prática considerada histórica nas terras brasílicas. Apesar de amplamente empregada no cotidiano local e de simples compreensão por parte de nossa população³⁴, não conta com uma aceitação proporcional ao seu conhecimento. Um estudo realizado por Alberto Carlos Almeida no período de 2000 a 2002, com uma amostra considerável da população brasileira, chegou à conclusão que exatamente metade da amostra aprovava o jeitinho brasileiro, os outros 50% reprovavam, o que aponta para uma ambiguidade moral em nossa sociedade. (PRADO, 2016, p.03).

Segundo Livia Barbosa, o jeitinho traz consigo uma ambiguidade de entendimento, que termina por fim em gerar uma intensa confusão entre si, quer seja

³⁴ Pesquisa realizada por Livia Barbosa chegou à conclusão de que a definição para os entrevistados em geral era a mesma, e por fim definiu jeitinho brasileiro como sendo “um modo “especial” de resolver algum problema, ou contornar alguma proibição, desvencilhar-se de alguma situação delicada. É visto também como uma solução criativa que faz uso de habilidades como a esperteza, burlando regras e normas em busca de alguma finalidade. (BARBOSA, 1992)

pelo jeitinho propriamente dito, pelo favor (gentileza), ou pela corrupção. Para explicar melhor cada um deles Barbosa explica que é extremamente difícil distingui-los entre si, contudo é possível pensar em termos bipolares, onde o favor estaria do lado positivo, e a corrupção em seu extremo oposto, na parte negativa, e o jeito de resolver os problemas estaria situado exatamente no meio entre os dois, denotando desta forma a própria flexibilidade. Ainda segundo Barbosa, o que diferenciaria estes termos seriam as pessoas envolvidas e as situações, entretanto existem características que possibilitam uma melhor compreensão de ambas as definições, onde o favor pode ser interpretado em termos de reciprocidade, enquanto a corrupção requer um ganho material. O caso da corrupção é culturalmente entendido como casos que envolvam vícios e imoralidade, são, por exemplo, situações que permeiam o campo da ilegalidade. (PRADO, 2016, p.04).

Desta maneira a pergunta que fica no ar é “o que realmente é esse jeitinho brasileiro?”, segundo Livia Barbosa o jeitinho não está intimamente ligado aos manejos ou formas de burlar o sistema, visto que em outros países a ocorrência de manejos é algo comum, assim como no Brasil. Contudo, para que se haja de fato o jeitinho, é necessária uma aceitação social, que no caso brasileiro, a cultura nacional entende como sendo algo típico e, por vezes, aceitável como exposto anteriormente. (BARBOSA apud PRADO, 2016, p.10)

Já segundo Da Matta “O “jeito” é um modo e um estilo de realizar. Mas que modo é esse? É lógico que ele indica algo importante. É, sobretudo, um modo simpático, desesperado ou humano de relacionar o impessoal com o pessoal; nos casos — ou no caso — de permitir juntar um problema pessoal (atraso, falta de dinheiro, ignorância das leis por falta de divulgação, confusão legal, ambigüidade do texto da lei, má vontade do agente da norma ou do usuário, injustiça da própria lei, feita para uma dada situação, mas aplicada universalmente etc.) com um problema impessoal. Em geral, o jeito é um modo pacífico e até mesmo legítimo de resolver tais problemas.” (DA MATTA, 1984, p.83). Ainda neste seara, mas em seu lado extremamente oposto está a expressão “você sabe com quem está falando?” que segundo Da Matta é a forma conflituosa de resolver o mesmo problema que o jeitinho resolve harmoniosamente. (DA MATTA, 1984, p.85).

Deste modo, sintetizando todo o conhecimento a cerca do “jeitinho”, a forma de vida nacional se materializa na malandragem, e se personifica no malandro propriamente dito, desta forma, por assim dizer, o malandro “seria um profissional do “jeitinho” e da

arte de sobreviver nas situações mais difíceis” (DA MATTA, 1984, p.86), neste contexto é importante entender a dinâmica, que exige uma sinergia entre o talento pessoal do malandro e as leis que dificultam sua atuação, exigindo-lhe sempre criatividade e artifícios pessoais próprios para com o seu peculiar “jeitinho” vencer na vida e de certa forma desempenhar ordens impossíveis de serem cumpridas.

Por fim o “jeitinho” não pode deixar de ser considerado um recurso de poder, de forma que segrega os que podem e os que não podem, os que devem cumprir as regras e os que talvez possam burlá-las, e de alguma forma buscar, quando necessário, as brechas das leis quando estas não são favoráveis. Vale ressaltar que no momento atual, onde características como flexibilidade, agilidade e criatividade estão cada vez mais em voga nas organizações, o “jeitinho” pode se materializar em uma vantagem do povo brasileiro e suas organizações no cenário internacional, mesmo que adquirida de maneira pouco tradicional, pode sem dúvida, produzir recurso de poder.

3.3 A Cultura como recurso de Poder.

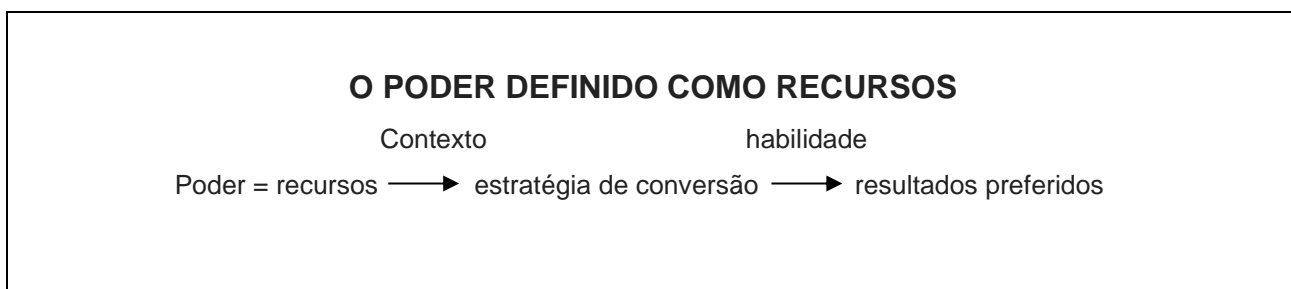
Na maioria das vezes as pessoas tentam definir poder como algo tangível e basicamente, como sinônimo de recursos que produzem ou podem produzir um resultado desejado, contudo, nem sempre os mais bem providos de recursos de poder, conseguem os resultados preferidos, entretanto, definir o poder como algo mensurável é um atalho para os propositores da política externa, pois em geral um país bem dotado de recursos de poder (quantificável) tem uma possibilidade maior de afetar um país mais fraco. (NYE, 2012, p.29)

Desta forma voltamos ao capítulo anterior e as definições de Joseph Nye, que afirma que, para que haja poder este precisa ser percebido pelas outras partes, e desta forma, efetivamente gerar um recurso de poder que consegue os resultados preferidos, tais recursos, já explanados anteriormente, não necessariamente são tangíveis, podendo pertencer à parte intangível e relacional do poder, importante frisar que os formuladores da política externa internacional, precisam, neste contexto multilateral e difuso do século XXI, com vistas às novas ameaças, ao mundo globalizado e as novas questões que se propõem, tais como meio ambiente e direitos humanos, a partir daí saber qual jogo estão jogando e desta maneira concluir que “a guerra não é o arbitro final” (NYE, 2012, p.30)

Vale ressaltar a analogia proposta por Nye, a fim de explicar melhor a diferença entre os recursos de poder tangíveis ou intangíveis e o fato de tais recursos gerarem ou

não resultados preferidos, os recursos podem ser entendidos como os veículos por meio do qual se pode chegar aos resultados desejados, saber que o veículo tem um bom motor (potente) e a distancia a ser percorrida, não garante que o veículo vai chegar ao destino desejado. (NYE, 2012, p.30)

Quadro 2 - O poder como recursos.



Fonte: O futuro do poder, 2012.

Imerso neste contexto introduzido por Nye em seu livro o “O futuro do Poder” que os Estados devem buscar conhecer quais são seus recursos, que tem potencial de gerar poder, os contextos que estão inseridos e a partir dai, cada um, formular sua estratégia de conversão para assim alcançar os resultados preferidos. Sendo assim, cada um deve se importar principalmente, com os resultados, e não com os recursos, estes podem ser de “Soft Power” ou “Hard Power”, mas de toda as estratégias que relacionam os meios aos fins e combinam ambas as faces do poder em contextos distintos são a chave para consecução do poder inteligente. (NYE, 2012, p.32)

Pensando assim, de forma inteligente é que nós brasileiros, devemos buscar o que temos de melhor como recurso de poder nossa cultura diversificada e nosso povo heterogêneo e “cordial”, para que no contexto internacional atual, que cada vez mais requer habilidades de flexibilidade, dinamismo e criatividade para superar os dilemas impostos pela nova ordem mundial, difusa e uni-multipolar, onde como já foi apresentado, o poder dos Estados está cada vez mais sendo deslocado para os atores não Estatais, possa conseguir projetar o Brasil, internacionalmente, de forma pacifica, humana e harmoniosa.

Segundo Nye “o poder brando de um país se baseia pesadamente em três recursos básicos: sua cultura (em locais em que ela é atrativa), seus valores políticos (...) e suas politicas externas.” (NYE, 2012, p.119). Portanto, vale ressaltar que a cultura é sem dúvida um dos recursos mais importantes e valiosos da sociedade brasileira e que

deve ser explorado, em contextos específicos, que serão apresentados no próximo capítulo, de tal maneira que produzam os resultados desejados.

Por fim, de modo a corroborar com o que exposto neste, vale citar dois ícones da cultura brasileira, que souberam com maestria identificar o cerne de nossa gente e sintetizar o pensamento popular que não ambiciona um crescimento nacional apoiado na derrota de outros países, provando que é possível tornar “o poder um jogo de soma positiva”³⁵, como afirma Darcy Ribeiro, que nós

Estamos nos construindo na luta para florescer amanhã como uma nova civilização, mestiça e tropical, orgulhosa de si mesma. Mais alegre, porque mais sofrida. Melhor, porque incorpora em si mais humanidades. Mais generosa, porque aberta à convivência com todas as raças e todas as culturas e porque assentada na mais bela e luminosa província da Terra. (RIBEIRO, 1995, p.455).

Finalmente condensando todo o conhecimento explanado neste capítulo que apresentou a cultura de maneira geral, posteriormente, a formação do povo brasileiro, as principais características da cultura brasileira e por fim a cultura como recurso de poder, de tal maneira que, se empregada de maneira correta em contextos específicos pode facilitar a percepção positiva e assim ser convertida em “Soft Power” que eventualmente podem favorecer a Defesa Nacional, e se tratando de poder brando, cabe encerrar com Sergio Buarque de Holanda, que afirma que nós brasileiros “Não ambicionamos o prestígio de país conquistador e detestamos notoriamente as soluções violentas. Desejamos ser o **povo mais brando**³⁶ e comportado do mundo.” (DE HOLANDA, 1995, I.7400).

4. SOFT POWER CONTRIBUINDO PARA A DEFESA NACIONAL.

Pode-se dizer que grande parte dos estadistas incrédulos, tem rejeitado a eficiência do “Soft Power” no contexto das relações Internacionais afirmando por vezes que são ideias acadêmicas que fracassaram no teste da política externa e afirmando

³⁵ (NYE, 2012 p.18)

³⁶ Grifo do autor.

ainda que “e os exércitos não foram impedidos pela mais profunda afinidade cultural”³⁷ (NYE, 2012, p.115). Ainda neste sentido, vale lembrar uma das frases mais emblemáticas de Stálin dirigidas ao Papa enquanto planejava suas alianças antes da II Guerra Mundial, ao perguntar quantas divisões de exército o Papa possuía, claro que no contexto do Século XX onde os recursos de poder militar principalmente voltados para a dimensão “hard” eram de suma importância para a sobrevivência dos Estados, contudo, passados mais de 50 anos, no contexto onde as ideias e a cultura ganham um peso cada vez maior na vida dos Estados, o império da Santa Sé havia sobrevivido, enquanto o domínio soviético de Stálin entrara em colapso (NYE, 2012, p.16).

Antes de abordar os recursos militares propriamente ditos, é importante apresentar como se desenvolvem os conflitos no século atual e desta maneira como as forças militares devem se desenvolver para gerar recursos capazes de se contrapor a novas ameaças que se apresentam, não apenas na dimensão dura ou branda do poder, mas combinando ambas.

As “guerras” do século XXI ocorrem cada vez mais dentro dos Estados, do que entre eles, e a maioria dos combatentes não usam um uniforme, deixando o combate cada vez mais complexo. É óbvio que a guerra civil não é algo novo, assim como os combatentes irregulares também não o são, o que se apresenta realmente como uma novidade neste século é que os conflitos irregulares vêm aumentando de proporção e intensidade, bem como as mudanças tecnológicas que vêm ampliando as vulnerabilidades e migrando o poder destrutivo dos atores Estatais para os entes não estatais, os Estados vêm perdendo o monopólio do uso da força internamente, e externamente ganham outros concorrentes além dos tradicionais Estados. (NYE, 2012, p.50).

Em 2013 o então Ministro da Defesa Celso Amorim proferiu uma aula³⁸ onde apresentou que as origens dos conflitos têm seu cerne baseado em uma tríade que ele pontuou como sendo o temor, a honra e o interesse, todos eles partem da condição humana. (AMORIM, 2013, p.2). Corroborando com este entendimento vale citar Joseph Nye que acredita que “a guerra e o uso da força são endêmicos na história humana.”

³⁷ Tradução nossa de “and armies weren't stopped by even the deepest cultural affinity” (RAMO, 2009, p.89)

³⁸ Aula Magna no Instituto de Estudos Estratégicos da Universidade Federal Fluminense

(NYE, 2012, p.50) e acrescenta ainda que “alguns realistas clássicos enfatizam a ganância como um motivo. Outros enfatizam o desejo de dominação.” (NYE, 2012, p.50), contudo outro ingrediente deve ser inserido como fator motivador na organização das pessoas para os conflitos, as ideias, segundo Nye, seriam este outro fator (NYE, 2012, p.51), claro que as ideias estão inseridas no espectro da cultura dos povos o que de certa forma pode ser complementado por Huntington, ao dizer que os Estados continuam sendo o ponto chave dos relacionamentos no Sistema Internacional, “seu comportamento é moldado, como no passado, pela busca de poder e riqueza, mas também por preferências culturais, aspectos comuns e diferenças” (HUNTINGTON, 1996, p.20), sendo assim os conflitos também podem ser entendidos sobre a ótica motivacional da cultura, como um “choque de civilizações”³⁹.

É neste contexto que a influência das três dimensões do poder vem ganhando cada vez mais prestígio para a Defesa Nacional, com foco na dimensão sociocultural e ideológica, se mostrando como um tema de estudo recorrente no século XXI, principalmente pelas mudanças causadas pela globalização e a maior atuação dos atores não-Estatais no sistema internacional, neste sentido que este capítulo irá abordar como o poder militar é capaz de gerar recursos de “Soft Power” e como o “poder da cultura” que é capaz de produzir recursos de “Soft Power”, pode contribuir de maneira direta e indireta para a Defesa Nacional, e pormenorizar, em ambos os tópicos o caso específico do Brasil.

4.1 Os recursos militares que produzem resultados comportamentais.

Napoleão Bonaparte tem uma frase famosa que diz: “Deus está do lado dos grandes batalhões”⁴⁰. Certamente esta frase pode ser analisada de diferentes óticas, como já apresentamos nos capítulos anteriores, os recursos que produzem “Hard Power” claramente podem contribuir para o “Soft Power” de um país. Uma nação com um grande exército pode atrair a atenção de outras nações de forma positiva ou negativa, depende de como será aplicado este recurso de poder. O sucesso no campo militar, combinado a uma reputação cometente no uso da força e aliado à mística da invencibilidade

³⁹ “O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial” um livro de Samuel Huntington.

⁴⁰ (NYE, 2012, p.49)

certamente atrai de maneira positiva. Contudo as invasões constantes por parte deste mesmo exército afetando o “medo” das outras nações de certa maneira contribui para repulsa, em outras palavras atrai de forma negativa. É neste sentido que este capítulo irá abordar como os recursos de poder militar podem gerar resultados comportamentais positivos.

Os recursos de poder militar podem gerar resultados nos três aspectos ou faces do poder relacional, de tal maneira que, a força militar pode ameaçar, dissuadir ou arrastar os outros a mudarem suas preferências, caracterizando o primeiro aspecto do poder, por outro lado também pode propiciar o ajuste de agenda, marcando o segundo aspecto do poder. Contudo a força militar também pode afetar as preferências dos outros Estados, como já vimos anteriormente, com exércitos fortes se criam sentimentos de invencibilidade que podem atrair, caracterizando a terceira face do poder (NYE, 2012, p.66).

Segundo Nye os recursos do poder militar podem proporcionar basicamente quatro tipos de modalidades, e cada uma delas corresponde a um tipo de comportamento.

Os recursos militares podem ser usados para (1) fisicamente combater e destruir; (2) dar respaldo às ameaças na diplomacia coercitiva; (3) prometer proteção, incluindo a manutenção de paz; e (4) proporcionar muitas formas de assistência. Quando essas ações são bem realizadas, produzem mudanças comportamentais preferidas nos alvos (NYE, 2012, p.67).

O quadro a seguir resume os tipos comportamentos, modalidades e recursos do poder militar.

Quadro 3 – Dimensões do poder militar.

	Comando			Cooptativo
Tipo de comportamento	Coerção física	Ameaça de coerção	Proteção	Assistência
Modalidades	Combate e destruição	Diplomacia coercitiva	Aliança e operações de paz	Ajuda e treinamento
Recursos estruturados	Efetivos, armas e táticas	Diplomacia ágil	Tropas e diplomacia	Organização e orçamentos

Fonte: “O futuro do poder”, 2012.

Todas essas modalidades serão apresentadas a seguir, de modo a explicar cada uma delas e exemplificar com casos brasileiros atuais os recursos de poder militar que geram resultados preferidos, com exceção da modalidade de combate, que é prevista na Estratégia Nacional de Defesa (END)⁴¹, contudo apenas em caráter defensivo, ademais, a modalidade de combate gera apenas comportamentos de coerção física que não se enquadra no cerne deste trabalho.

4.1.1 Diplomacia coerciva.

É inegável reconhecer que a diplomacia brasileira tem um papel fundamental na história Nacional, o Itamarati⁴² sempre prezou pela resolução pacífica das controvérsias, o que vem sendo observado ao longo da história deste país, o Brasil não enfrenta um conflito em seu continente há quase um século, o que ratifica ainda mais o caráter pacifista dessa nação.

A diplomacia coerciva permeia basicamente dois ramos dos recursos de poder militar, a ameaça e a dissuasão, ambas pertencentes a vertente “Hard” do poder, em termos de ameaças do uso da força o Brasil não apresenta um passado recente desta modalidade, entretanto, tem feito uso maciço da dissuasão militar de forma a desencorajar outros Estados a não agressão, este conceito baliza a END que em sua primeira diretriz apresenta: “Dissuadir a concentração de forças hostis nas fronteiras terrestres e nos limites das águas jurisdicionais brasileiras, e impedir-lhes o uso do espaço aéreo nacional.” (END, 2012, p.47), do mesmo modo que a modalidade de combate, a diplomacia coerciva depende dos recursos que produzem competência no combate e em destruição cinética⁴³ (NYE, 2012, p.71) e reforçando esta ideia mais uma vez vale citar a END que aponta que “Para dissuadir, é preciso estar preparado para combater. A tecnologia, por mais avançada que seja, jamais será alternativa ao combate. Será sempre instrumento do combate.” (END, 2012, p.47), evidenciando a necessidade

⁴¹ “O Brasil é pacífico por tradição e por convicção. Vive em paz com seus vizinhos. Rege suas relações internacionais, dentre outros, pelos princípios constitucionais da não intervenção, defesa da paz, solução pacífica dos conflitos e democracia.” (END, 2012, p.41)

⁴² Ministério das Relações Exteriores do Brasil.

⁴³ Que causam danos físicos.

de meios compatíveis as necessidades do país, com tecnologia de ponta, contudo, com pessoal preparado para empregar tais meios.

Ainda a cerca da dissuasão o professor Darc Costa emite sua opinião, afirmando que o Brasil certamente “não é o mais forte, nem é o mais fraco, mas deve praticar a chamada estratégia da dissuasão; ou seja, deve dizer a quem estiver disposto a nos agredir que faremos algo de tal forma que ele não sairá incólume desse processo.”⁴⁴

A dissuasão pode acontecer em diversos níveis, recentemente o Brasil vem desenvolvendo tecnologias no campo nuclear, aeroespacial e bélica que tem contribuído sobremaneira para isso, alguns exemplos são o desenvolvimento do submarino de propulsão nuclear, que ampliará a capacidade de patrulhamento da costa brasileira, o sistema ASTROS 2020⁴⁵ desenvolvido pela AVIBRAS que tem a capacidade de projetar poder extrarregional, uma capacidade que poucos países possuem, bem como o desenvolvimento do caça nacional AMX.

Sendo assim, o Brasil consegue desenvolver capacidades, a partir de recursos militares que atendem a política Nacional de Defesa, voltados sempre para não agressão, e historicamente calcado na solução pacífica das controvérsias, ou seja, foi capaz de desenvolver um poder militar útil para dissuadir agressões e estimular soluções negociadas, as quais dependem de uma diplomacia sólida, ágil e eficaz como a diplomacia brasileira, que anda em consonância com interesses do Estado e as políticas de Defesa⁴⁶.

4.1.2 Proteção.

A terceira modalidade do poder militar, promover proteção, está baseada fundamentalmente nas relações de aliança entre os países, calcada principalmente numa estratégia bem-sucedida de credibilidade e confiança construída ao longo do tempo por ambas às partes. (NYE, 2012, p.73)

O Brasil tem empregado sobremaneira esta modalidade, com vista em incrementar sua confiança e influência nos demais países da América do Sul, ampliando

⁴⁴ Revista em Discussão: revista de audiências públicas do Senado Federal, v. 3, n. 10, 2012.

⁴⁵ Lançadores múltiplos de foguetes, com alcance de até 300 km.

⁴⁶ Revista em Discussão: revista de audiências públicas do Senado Federal, v. 3, n. 10, 2012.

inclusive para América central e África atlântica, os principais recursos empregados nesta modalidade são as operações de manutenção da paz e as alianças militares regionais.

Onde o Brasil realmente se destaca na modalidade protetora dos recursos militares é, principalmente, no âmbito das operações de manutenção da paz, que em geral não envolve o combate de maneira ativa. As operações de paz mais recentes, cada vez mais os capacetes azuis matam e morrem, entretanto, com o propósito de dissuadir e garantir a estabilidade, neste tipo de operação os recursos militares que produzem resultados preferidos precisam conjugar poder duro e poder atrativo, onde características como flexibilidade e criatividade são fundamentais para conduzir as intervenções militares modernas, onde em um perímetro imaginário de três quarteirões o militar precisa estar pronto para se contrapor simultaneamente a conflitos de alta intensidade, operações de manutenção da paz com uso limitado da força e ajuda humanitária. Neste cenário que os militares brasileiros vêm se destacando graças as suas características culturais inatas e fruto disso é indiscutível a eficácia dos militares brasileiros nesses tipos de operações

O Brasil já contribuiu em mais de 50 missões de paz sob a égide da ONU, além de já haver enviado mais de 50 mil militares para esses tipos de operações, atualmente conta com um efetivo de aproximadamente 275 militares em oito operações de paz distribuídas pelo mundo⁴⁷, dentro destas mais de 50 operações de paz, vale destacar duas participações emblemáticas por parte das tropas brasileiras, a primeira foi a MINUSTAH⁴⁸, iniciada em 2004 com a participação de um batalhão brasileiro, além de ser a primeira missão de paz da ONU comandada por um General brasileiro, a segunda que merece um destaque é a UNIFIL, onde o comando da Força Tarefa Marítima também é brasileiro, além de um navio com uma tripulação de aproximadamente 200 militares, tais exemplos só reforçam a credibilidade das tropas brasileiras e contribui para aumentar a confiança da ONU em nossos militares.

⁴⁷ Líbano, Sudão do Sul, Saara Ocidental, República Centro-Africana, República Democrática do Congo, Darfur, Chipre e Abyei.

⁴⁸ Missão das Nações Unidas para a estabilização do Haiti (sigla em francês)

4.1.3 Assistência.

Por fim, o poder militar pode ser usado para propiciar assistência e ajuda, podendo assumir diversas formas dentro desta mesma modalidade, dentre elas o treinamento de militares estrangeiros, a consecução de exercícios militares conjuntos de nível Internacional e assistência humanitária ou socorro em casos de desastres. De certa forma essa assistência tende a levar a atração de outros países, além de contribuir em certa medida para a capacitação dos próprios militares, ao aplicarem o treinamento para outras nações.

No caso brasileiro os exercícios militares multinacionais tal como a UNITAS, que está em sua 60ª edição, e contou com a participação de mais de 3300 militares de diferentes países⁴⁹ da América, se destaca como um excelente exemplo de cooperação entre esses países, o que reforça a credibilidade e o compromisso entre os mesmos, contribuindo com o “Soft Power” à medida que desenvolve uma rede de vínculos entre as nações e um clima de atração e capacitação das forças. (NYE, 2012, p.74).

Outro exemplo em que o Brasil vem ampliando seu “Soft Power” através de suas forças militares são os projetos de cooperação naval com diversos países Africanos, com destaque para Missão Naval do Brasil na Namíbia, com o estabelecimento de centro de formação de marinheiros na Base de Walvis Bay, a formação de mais de mil militares nos centros de formação Naval no Brasil, tendo o maior contingente de oficiais estrangeiros formados no Brasil, como já explanado anteriormente, “o Brasil acredita que exercícios conjuntos como esses capacitam forças de defesa brasileiras e africanas a incrementar seu grau de interoperabilidade e a fazer com que nós nos apropriemos da nossa própria segurança”⁵⁰.

Recentemente o Brasil vem ganhando mais prestígio no cenário internacional, por conta principalmente, de sua competência em realizar assistência humanitária, nos últimos 10 anos, o país contribui com um hospital de campanha (HCamp) para auxiliar as vítimas do terremoto no Chile, este hospital contava com aproximadamente 50 militares da área da saúde, neste mesmo ano, em outro tremor de terra, com proporções mais graves no Haiti, o Brasil enviou mais um batalhão além do que já tinha no território

⁴⁹ Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Equador e Estados Unidos.

⁵⁰ Discurso do Ministro Ernesto Araújo por ocasião da celebração do dia da África – Brasília, 27 de maio de 2019.

haitiano, e mais recentemente, na Força-Tarefa logística Humanitária para o estado de Roraima – Operação Acolhida é a primeira missão de natureza humanitária em território nacional, com foco de monitorar os reflexos da imigração nas cidades brasileiras na fronteira com a Venezuela, mantendo assim o equilíbrio regional e facilitar a interiorização voluntária, a Operação Acolhida também fornece abrigo e alimentação para o imigrantes desalojados, bem como saúde básica.

Todas essas missões humanitárias desempenhadas pelo Brasil nos últimos anos vem reforçar a vasta experiência desse país em assuntos de assistência humanitária, podendo ser percebido também ao longo desses anos a competência das tropas brasileiras e a força benigna e amistosa com que trata os países assistidos, o que reforça ainda mais a atração pelos militares brasileiros e, por conseguinte pelo Brasil, mostrando que os recursos militares de assistência vêm sendo convertidos positivamente em resultados preferidos, quais sejam uma melhor percepção do Brasil no Exterior.

Sintetizando estes conhecimentos os recursos militares podem produzir tanto comportamentos de “Soft Power” como de “Hard Power”, e como visto neste capítulo, vai depender de qual das quatro modalidades são aplicadas, contudo, o mais importante é que este “Soft Power” que emana das qualidades de benignidade, competência, legitimidade e confiança tem a capacidade de alavancar o “Hard Power” da força militar. (NYE, 2012, p.76), que é exatamente o que vem acontecendo com o caso brasileiro, em que as forças militares cresceram de prestígio nos últimos anos, fruto dos investimentos recente, mas principalmente, pelo seu emprego em operações de manutenção da paz e de assistência humanitária.

4.2 Cultura como fonte de “Soft Power”.

O poder da atração surge basicamente de três recursos, dos valores culturais de um povo, os valores políticos e as políticas externas de um Estado, para que essas políticas e valores sejam aceitos, não basta uma aplicação correta dos recursos de poder, é preciso que elas sejam enxergadas com legitimidade pelos outros países, ou até mesmo entes não estatais, desta forma não se produz poder de atração sozinho, para atrair, faz-se necessário existir o atraído, como bem sintetiza Nye dizendo que “o poder brando é uma dança que requer parceiros” (NYE, 2012, p.119). Como apresentado no capítulo anterior a cultura é socialmente construída ao longo do tempo, da mesma

forma a atração e a persuasão também o são, o que torna a cultura, as ideias, a atração e a persuasão cada vez mais próximas em suas origens e como será apresentado posteriormente, também em seus resultados.

Estudos na área da psicologia vêm comprovando que as pessoas se sentem atraídas por outras similares a elas, ou com as quais compartilham um determinado grupo, além disso, são atraídas também por características físicas e comportamentos comuns (NYE, 2012, p.128), o que reforça as ideias de Huntington sobre as civilizações, onde as culturas “parecidas” tendem a aproximar-se, em pontos onde elas se divergem existe a tendência de criar uma linha de fratura, criando o choque entre essas civilizações de culturas diferentes (HUNTINGTON, 1995).

Segundo Alexander Vuving existem pelo menos três atributos que têm a capacidade de suavizar o poder, e de modo que fique fácil de lembrar são os três “B” beleza, brilhantismo e benignidade⁵¹. A “beleza” no mundo da política não traz consigo uma conotação de atração sexual, seu significado pode ser entendido como “carisma”, uma forma de magnetismo que tem a capacidade de atrair os atores no âmbito internacional através do compartilhamento de ideias, valores, propósitos e visões de mundo, o que tende a produzir identidade, inspiração e aderência com tais culturas. De igual modo o “brilhantismo” pode se manifestar de diversas maneiras, por exemplo, uma força armada forte e bem preparada, uma economia rica e estável, uma cultura radiante, uma sociedade que prega e vive valores pacíficos, esse “brilhantismo” pode ser traduzido como competência, ou seja, o alto desempenho com que alguém faz alguma coisa, o que com frequência gera “Soft Power” pela admiração. E por fim a “benignidade” é interpretada como sendo a qualidade com que um ator se relaciona com o outro, tal qualidade deriva das atitudes positivas, do altruísmo recíproco e a ser percebida na forma de simpatia, confiança e credibilidade. (VUVING, 2009, p.08-09).

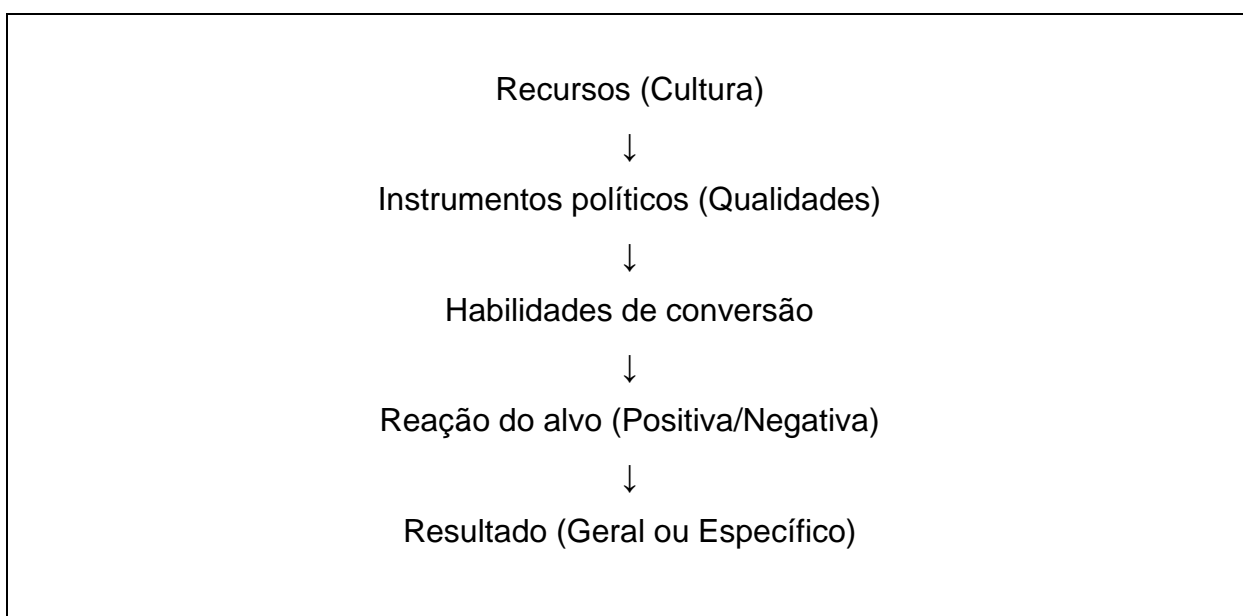
A cultura, de maneira geral, pode ser entendida como todas as crenças, atitudes, usos e costumes de um determinado povo, e esta cultura, quando empregada de forma crítica, pode produzir percepções positivas ou negativas nos alvos, vai depender basicamente de habilidades como benignidade, competência e carisma, todas essas de forma legítima, pois caso sejam interpretadas como manipuladoras, incompetentes ou “feias” podem gerar o resultado contrário e ao invés da atração, pode constituir a repulsa

⁵¹ “beauty, brilliance, and benignity” (VUVING, 2009, p.08) Tradução nossa.

por tais valores (NYE, 2012, p.128-137), como por exemplo, uma novela brasileira com mulheres de biquíni desfilando na praia de Copacabana pode gerar atração positiva em Nova York e ao mesmo tempo repulsa em Cabul.

Para ilustrar melhor todo o processo dos recursos e comportamentos do “Soft Power” vale citar um quadro de conversão de recursos em comportamentos (resultados), que sintetiza todo o caminho percorrido pelos recursos, mais especificamente neste caso, a cultura, até que seja gerada a atração no alvo.

Quadro 4 – Conversão de recursos de poder brando em comportamentos (resultados)



Fonte: “O futuro do poder”, 2012.

Portanto fica claro que a cultura pode ser aplicada como um recurso de poder e gerar atração em outros agentes e atores do cenário internacional, para isso o Estado que aplica tal recurso deve se atentar também para seu par nesta “dança”, de forma que aplique as qualidades (benignidade, carisma e competência) dentro do contexto favorável, de tal maneira que possa produzir resultados positivos e contribua assim para uma melhor percepção desse Estado nesse grande baile das Relações Internacionais.

4.3 O caso brasileiro.

Os chamados BRICs, acrônimo criado por Goldman Sachs em 2001 para chamar a atenção para os países “emergentes” (Brasil, Rússia, Índia e China) que ele

considerava, inicialmente, como apenas uma oportunidade lucrativa de investimento econômico, com o passar do tempo, este grupo de países, ganhou vida política própria, estreitando ainda mais a relação entre eles, vale lembrar que nem mesmo Goldman ou outros economistas poderiam imaginar que os quatro países viriam a criar uma plataforma de relação econômica “sólida” (NYE, 2012, p.213), posteriormente, a África do Sul se juntou aos demais países e a partir de então passaram a ser conhecidos como BRICS.

É curioso observar que os cinco países que “compõem” os chamados BRICS tem inúmeras semelhanças em termos de crescimento econômico, desenvolvimento de tecnologia (com uma pequena ressalva para a Rússia) e que juntos somam quase que 22% do PIB mundial⁵², não há dúvidas da força econômica que esses países somados possuem, contudo sua força não se resume apenas em termos econômicos, com 42% da população mundial os BRICS também vêm se destacando no segmento militar onde três de seus cinco “membros” possuem armamentos nucleares e apresentam investimento médio em Defesa próximo de 2,5% de seus respectivos PIB⁵³.

É interessante observar que na contramão de Rússia, China e Índia, está o Brasil, que apesar de contar com forças armadas bem menores que seus homólogos, e seus investimentos em Defesa girarem em torno de 1,5% do PIB e não possuir armamento nuclear, limitando o uso dessa tecnologia apenas para a geração de energia elétrica e em termos militares no desenvolvimento do submarino de propulsão nuclear, o Brasil vem se destacando dos outros BRICS, mas de uma maneira diferente, ao contrário da China, é uma democracia, diferente da Índia, não conta com insurgentes ou conflitos étnicos e religiosos próximo de suas fronteiras, e em oposição à Rússia, não exporta apenas petróleo e armas, além de tratar com respeito os investidores estrangeiros.⁵⁴

Aliado a isso o fato de ser o maior país de seu continente, sem competidores reais entre seus vizinhos próximos, somado à sua maneira cordial, e pacífica de encarar os assuntos de Política Externa, bem como, sua particular habilidade de empregar os recursos de “Soft Power”, tais como a própria cultura popular do carnaval, samba e

⁵² Dados de 2016, revista Época Negócios.

⁵³ www.defesa.gov.br/noticias/3971-26042012-destaque-amorim-diz-que-orcamento-da-defesa-no-brasil-deveria-ser-equivalente-ao-dos-brics acesso em 31 de outubro de 2019.

⁵⁴ “Brazil takes off”, The Economist, 14 de novembro de 2009, p.15.

futebol que tem um caráter transnacional, as novelas brasileiras que projetam a cultura nacional para além das fronteiras e o próprio povo brasileiro com suas características ímpares de diversidade tudo isso somado tem contribuído para salientar uma imagem positiva não apenas na América do Sul, mas no mundo.

. “A rigor, todo fenômeno social de grande ressonância popular (no Brasil, o carnaval e o futebol) possui importância social e política incontestável.” (CALDAS, 1986). Portanto vale lembrar os alguns dos inúmeros momentos ao longo da história em que o Brasil se valeu das características singulares de sua cultura e conseguiu gerar recursos de poder que ao final contribuíram para uma melhor percepção de segurança e desta forma, contribuir para a Defesa Nacional, neste sentido serão apresentados alguns exemplos de como o Brasil, não apenas como ente estatal, mas de forma geral e difusa, conseguiu converter recursos de cultura em resultados desejáveis.

3.3.1 A música.

Em um período da história humana que ainda não se falava de “Soft Power”, e os recursos de poder eram basicamente influenciados pela força militar e econômica de um país, o Brasil já se destacava positivamente empregando suas tropas no *front* italiano da II Guerra Mundial, com seus famosos “Pracinhas⁵⁵ da FEB⁵⁶”, os militares brasileiros que desembarcaram na Itália, não deixavam de brasileiros, mesmo sendo militares, portanto, não abandonavam sua cultura, não deixaram no Brasil seus costumes, crenças, tradições nem tão pouco sua arte.

Um exemplo disso é umas das imagens mais curiosas dos brasileiros na II Guerra não são dos combates ou ataques enfrentados pelos militares da FEB, mas de um pracinha desembarcando em Nápoles, na Itália, com um saco “VO⁵⁷” sobre a cabeça e em sua mão direita o estojo de seu violão (DE CARVALHO, 2017, p44), o que evidentemente denota o apreço do brasileiro pela música e pela sua cultura.

Figura 1 – soldado brasileiro desembarcando na Itália

⁵⁵ Como eram chamados os soldados brasileiros que combateram na II Guerra Mundial

⁵⁶ Força Expedicionária Brasileira

⁵⁷ Verde Oliva



Fonte: A música brasileira na MINUSTAH, 2017.

Além de trazer consigo sua arte, estes soldados, desde 1943, carregavam consigo o espírito pacífico, apesar da Guerra, além da alma forjada para ajuda. Muitos relatos de italianos sobre a atuação das tropas brasileiras exaltam o caráter humano, cordial e simpático com que os soldados tratavam os cidadãos locais, que viviam as agruras do conflito, vale citar alguns trechos do documentário *“Il filo Brasileiro”*⁵⁸ que retrata a passagem dos pracinhas pelo território italiano e as marcas que eles deixaram sobre a população local. “Alemães muito ruins. Brasileiros muito bons, porque nos trazem comida” é desta forma que Lino Vicenzi um dos italianos entrevistados no documentário descreve a visão da população em relação às tropas brasileiras.

O documentário apresenta vários relatos, mas um em especial chama a atenção pela forma com que ele faz menção aos soldados brasílicos, onde a senhora Cesarina Turrini afirma que “jamais irá esquecer os soldados brasileiros”, e logo em seguida começa a cantarolar “ai, ai, ai, ai, está chegando a hora...” e “Deus salve a América” músicas que eram cantadas pelos pracinhas nas ruas italianas.⁵⁹ Exemplos disso são citados também pelo Dr Vinicius Mariano de Carvalho em que ele retrata como essa diversidade cultural brasileira era difundida na Itália através da música.

⁵⁸ O fio brasileiro tradução para o português.

⁵⁹ bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2005/04/printable/050422_valquiriapracinhas.shtml acesso em 27 de maio de 2019

São sambas, marchas, emboladas, baladas, enfim, um testemunho da diversidade musical brasileira, reflexo da diversidade da FEB, que foi formada com pracinhas de todo o Brasil, e da riqueza da música brasileira de então, bem como da maneira como soldado viveu e expressou sua experiência na guerra. (DE CARVALHO, 2017, p.44)

Os recursos culturais da música brasileira, da simpatia do povo na frente de combate italiana, foram percebidos de forma positiva, e ainda são lembrados com saudosismo e gratidão pelos italianos até os dias atuais, fruto principalmente das qualidades empregadas pelos pracinhas, qualidades como carisma, benevolência e competência, pois não eram bons apenas em fazer músicas, ou em ajudar população italiana, eram também extremamente competentes na arte do combate. Todos esses atributos e qualidades foram essenciais para gerar uma reação positiva no alvo, e que até hoje aproxima os povos brasileiro e italiano.

No contexto atual cabe citar que a música brasileira tem ganhado aderência no exterior, não apenas o tradicional samba, mas também o sertanejo e o Funk, exemplos recentes de cantores desses ritmos musicais legitimamente brasileiros são Michel Teló e Anitta, que despontaram como os Rits mais escutados na Europa e em alguns países da América do Sul.

A música “Ai se eu te pego” de Michel Teló esteve entre as mais visualizadas no YouTube nos anos de 2011 e 2012, com mais de 114 milhões de visualizações, além de ter alcançado a liderança de vendas dos Downloads pagos em Portugal, Espanha, Itália, Suíça, Luxemburgo e na Holanda.⁶⁰

Outro importante destaque, dessa vez mais recente, vai para a cantora Anitta que tem se destacado nas mídias internacionais, principalmente na América Central e na América do Sul, cantando em parceria com outros cantores latinos, está entre as músicas mais tocadas em 5 países diferentes, incluindo nas Ilhas Fiji ocupando o 55º lugar⁶¹.

O samba não representa apenas a música que nele contem, sua expressão cultural passa pela dança, vestimentas, estilo de vida e porque não pela comida, sendo assim merece um destaque especial. Esse ente cultural de inestimável valor para a

⁶⁰ www.terra.com.br/diversao/musica/antes-de-michel-telo-veja-musicas-que-fizeram-sucesso-no-externo,ae3724f4d865a310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html acesso em 21 de junho de 2019

⁶¹ www.observatoriodemusica.bol.uol.com.br/noticia/2019/07/sucesso-internacional-musicas-de-anitta-sao-destaque-no-itunes-de-5-paises-atualmente acesso em 30 de maio de 2019

sociedade brasileira, portanto, difícil de contestar sua importância como manifestação cultural para o Brasil. O sucesso do carnaval carioca no exterior começou com a transmissão televisiva desse espetáculo para diversos países do Mundo, somado a isso estão as batucadas das rodas de samba, o gingado das mulatas, e claro a alegria dos foliões na “Avenida” (CALDAS, 1997, p.74), o que indica que, se perguntarem a um estrangeiro quais as primeiras palavras que vem a sua mente ao falar de Brasil, muito provavelmente, ele irá responder carnaval e futebol, talvez alguns respondam caipirinha, mas de qualquer forma, a principal visão que se tem desta terra verde a amarela, são nossas expressões culturais.

O carnaval do Rio de Janeiro atrai por ano mais de 1 milhão de turistas⁶², o que além de fortalecer a economia com uma movimentação de aproximadamente 3 bilhões de Reais, também promove os valores nacionais, e contribui com uma boa percepção do Brasil no exterior, agregando todos esses fatores, desde os pracinhas levando nossas músicas ao *front* Italiano, das mais recentes expressões da música popular brasileira espalhas pelo mundo, bem como através da forma mais tradicional e marcante da nossa música, é possível não destacar que as expressões culturais do povo brasileiro, vem atraindo os olhares estrangeiros, não apenas de nossos vizinhos próximos, mas também de terras além mar, reforçando valores pacíficos tais como amizade, companheirismo, benignidade, simpatia e confiança, que quando bem empregados, e com habilidades certas, geram os resultados desejáveis.

3.3.2 O futebol.

Outra marca registrada do povo brasileiro, o futebol, é sem dúvidas o maior orgulho desta nação, tendo um grande poder de atração e sendo um dos maiores objetos de exportação brasileira. É interessante lembrar que vários jogadores brasileiros já cederam suas imagens para campanha de ajuda humanitária dos órgãos das Nações Unidas, tais como Ronaldinho Gaúcho, Pelé, Kaká entre outros, e ao fortalecer a imagem universal e democrática representada pelo futebol, promovem, indiretamente, seu país (HELENO e LUIZ, 2011, p.43).

⁶² Dados da Riotur.

Assim como a música e o carnaval, o futebol para o povo brasileiro é algo sagrado, muito mais que apenas um objeto de prazer ou de folia (CALDAS, 1997, p.76), as copas do mundo são encaradas como verdadeiras guerras e ostentar o título de “país do futebol”, apesar de não termos inventado esse maravilhoso esporte, de fato o reinventamos, com nossa criatividade e “molejo”, o que bem explicado anteriormente, temos a tendência de fazer com quase tudo, mudando com a malandragem, desse famoso “jeitinho brasileiro”.

Falar desse Brasil de futebol é relembrar também como este esporte, quase religião, pode contribuir pra melhorar a percepção, não apenas do Brasil, mas de suas forças armadas no exterior, levando não uma atração esportiva, mas alento solidariedade, alegria e um pouco de paz ao povo haitiano. A seleção brasileira que recentemente havia conquistado a copa América de 2004, unindo esforços com o governo Federal, e o Exército Brasileiro para realizar o inesquecível jogo da paz.

Na chegada da seleção, a população haitiana, logo de cara se identificou com os jogadores, e os recepcionou com grande entusiasmo, essa identificação pode ser explicada de uma maneira muito singela, os haitianos projetam os atletas negros como exemplos de sucesso. Essa cultura de paz, capitaneada por valores de respeito aos Direitos Humanos, tais como o respeito à vida, e a prática da não violência, são tradições que a sociedade brasileira prega, e perpetua em seu comportamento como povo⁶³.

Corroborando com este entendimento cabe citar a Estratégia Nacional de Defesa (END), onde o Ministro Celso Amorim explicita muito bem os princípios da democracia, da solução pacífica dos conflitos e da defesa da paz, como sendo os que regem as relações internacionais do Brasil, inclusive no âmbito militar, e ratificando que “essa vocação para a convivência harmônica, tanto interna como externa, é parte da identidade nacional e um valor a ser conservado pelo povo brasileiro.” (END, 2012, 41), o Ministro Celso Amorim também aborda esse tema, dando ênfase na participação brasileira na MINUSTAH, no que ele mesmo chamou de princípio de “não indiferença”, fazendo alusão ao princípio da “não intervenção”, onde não se deve interferir no direito soberano de cada povo, mas segundo ele, não se pode fechar os olhos para um problema social tão grave como esse, por essa razão, se justifica a participação inédita do Brasil.

⁶³ www.cbf.com.br/selecao-brasileira/torcedor/jogos-inesqueciveis/em-porto-principe acesso em 22 de julho de 2019

Assim como na Itália, no Haiti ou em qualquer lugar do mundo é impossível dissociar a cultura do indivíduo, e é por essas razões que as marcas deixadas pelos brasileiros no Haiti são sentidas até os dias de hoje, não apenas pelos atletas que fizeram uma inesquecível partida em Port-au-Prince, como também pelos militares que carregavam bolas de futebol em suas patrulhas pelos guetos de Cité Soleil.

3.3.3 As novelas brasileiras.

As novelas brasileiras são mais um dos produtos culturais de exportação do Brasil, apesar de concorrerem com as mexicanas, que tem temas mais latinos e se destacam por já serem produzidas no idioma hispânico, as novelas brasileiras são consideradas mais cosmopolitas e de melhor qualidade, segundo os diretores de programação da rede boliviana UNITEL. Novelas como “da cor do pecado”, “terra nostra” e “O clone” foram exibidas em mais de 90 países diferentes⁶⁴, confirmando a importância que tal expressão cultural tem, como forma de transmissão da identidade e dos valores brasileiros, para outros Estados e regiões (HELENO e LUIZ, 2011, p.43).

Desta forma é interessante citar os professores Eduardo Heleno e Edson Luiz, que afirmam que “O sucesso das novelas como cultura de massa e produto de exportação, e a sua não utilização como recurso de propaganda, mostram o quanto o *Soft Power* inclui outros agentes e não somente o Estado” (HELENO e LUIZ, 2011, p.43). E estão presentes ainda, em diversas formas e expressões da cultura deste povo, mas que precisam ser interpretadas de forma positiva pelos outros entes Estatais e até mesmo não estatais, para assim gerar os tão almejados resultados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este século XXI marcado por inúmeras mudanças sociais, econômicas, industriais e tecnológicas, todas elas em níveis globais, produzido novos dilemas e desafios, os quais deixaram de ser vencidos exclusivamente pela força do “Hard Power”, criaram um ambiente propício para o surgimento de uma nova ordem mundial, onde o poder está

⁶⁴ www.jornalrebate.com.br/site/colaboradores-do-rebate/9705-mexico-e-brasil-ambos-sao-os-maiores-produtores-e-exportadores-de-telenovelas-no-mundo acesso em 26 de setembro de 2019

cada vez mais difundindo para os entes não estatais, e cada vez mais pautado nos recursos de “Soft Power”.

É nesse ambiente, que segundo o Presidente Fernando Henrique Cardoso o Brasil ganha destaque, afirmando que “Nossa maior contribuição à construção dessa nova ordem internacional vai se dar no plano do *Soft Power*” (CARDOSO, 2015, p.62). Certamente o “Soft Power” não é o caminho para resolver todos os problemas, mas com certeza uma solução para muitos deles, de modo que onde o poder militar, e econômico não tem a capacidade de alcançar, o poder da atração pode persuadir e convencer mais eficientemente.

O brasileiro é de fato uma boa mistura, a própria expressão “gente boa” traduz muito do que é o povo brasileiro, composto ao longo do tempo, por gerações e gerações de miscigenação, como apresentado neste trabalho, sua mistura não está presente apenas no fenótipo da população que se assemelha com de vários países e permite uma identificação por parte de outrem, essa mescla inicial de negros, índios e portugueses, que ao longo do tempo recebeu uma pitada de italianos, alemães, japoneses, chineses, árabes de origem libanesa, entre outras tantas nacionalidades, contribuíram para criar aqui um ambiente plural, rico em capacidade de improvisação e adaptação, com grande facilidade para criar soluções não ortodoxas, essa mistura de “gente boa” criou o ambiente favorável para nascer um povo flexível das giras de samba, criativo do futebol arte, com uma eterna capacidade de adaptação do malandro, que com seu jeitinho conquista a todos.

Essa miscigenação também é pautada em sincretismo religioso onde cristãos, muçulmanos e judeus, convivem pacificamente, onde o respeito e a tolerância religiosa ganham vez, que além de enriquecer sobremaneira nossa cultura, tornam o Brasil, Brasil.

Mas a pergunta inicial é como toda essa mistura de gente, carnaval, futebol, música e novela que tem uma grande aceitação no exterior, pode contribuir para a Defesa Nacional, talvez no início esse questionamento pudesse parecer um tanto quanto hilário, mas ao fim deste artigo fica fácil concluir que neste século a maioria dos conflitos tem se iniciado por motivos culturais e ideológicos, outro ponto importante a ser abordado é que algo de bom deve ser aprendido com o Brasil, que apesar de não possuir forças armadas superpoderosas não enfrentou conflitos recentes, e ainda conseguiu seguir sua agenda de influencia não apenas na América do Sul, mas em nível global, com as Nações Unidas, com as coalizões do G-20, BRICS e IBSA, portanto é importante acender

pelo menos uma luz de alerta para esse recurso de poder cunhado por Nye como sendo “Soft Power”, pois países que almejam alcançar uma liderança global ou mesmo regional devem conjugar os recursos de “Soft Power” e “Hard Power”.

Essa percepção que os outros Estados têm do Brasil, envolvem relacionamentos de confiança, credibilidade e influência, todos esses atributos demandam tempo, o que torna o projeto de “Soft Power” brasileiro um processo demorado, mas felizmente o Brasil tem conseguido jogar o seu jogo, e buscando uma identidade própria justamente fundamentada no “Soft Power”, por muito tempo, fomos tachados por nos mesmos e pelos outros como o “país do futuro”, mas hoje no século XXI, certamente esse futuro chegou, não apenas fruto do desenvolvimento econômico brasileiro que nos colocou entre as dez maiores economias do mundo, nem tão pouco com os investimentos militares advindos principalmente das atuações do Brasil em missões das Nações Unidas, que catapultaram as forças armadas brasileiras no que tange a cooperação internacional, e também no âmbito da dissuasão e do desenvolvimento de tecnologias, mas principalmente, pelo fato de sermos percebidos como sendo este país pacífico, com um povo cordial, que não apenas prega o pacifismo, mas o vive ao longo de mais de 100 anos.

Nossa contribuição em termos de “Soft Power” tem atraído positivamente os olhares internacionais, gerando assim um ambiente de segurança e conseqüentemente contribuindo para a Defesa Nacional, visto que a Defesa é fruto de um ambiente de segurança, que no caso brasileiro, em termos militares, advém da dissuasão militar, da proteção internacional que também gera recursos de poder atrativo e principalmente da assistência que contribui sobremaneira para aumentar a credibilidade e confiança, o que de certa forma cria um ambiente de retroalimentação, onde o poder militar pautado em confiança, assistência e proteção geram “Soft Power” e o próprio “Soft Power” brasileiro, fruto de uma cultura pacífica, cordial, resumidamente atrativa, fruto de valores universais e sincréticos, produz uma maior percepção de segurança, pois nesta nova ordem mundial, as similaridades culturais que resultam da atração entre as civilizações tendem a repelir a tendência de conflitos (HUNTINGTON, 1997), portanto, facilitando assim a Defesa Nacional.

REFERÊNCIAS

ARON, Raymond. Paz e guerra entre as Nações (2.ª edição). **Editora Universidade de Brasília, Brasília**, 2002.

ALSINA JR, João Paulo Soares. O poder militar como instrumento da política externa brasileira contemporânea. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 52, n. 2, p. 173-191, 2009.

AMORIM, Celso. **Robustecendo o poder brando**. Niteroi, 2013.

AMORIM, Celso. **Defesa nacional e pensamento estratégico brasileiro**. Revista política hoje, v. 21, n. 2, p. 330-349, 2012.

AMORIM, Celso. Política Externa do Governo Lula: os dois primeiros anos. **Análise de Conjuntura OPISA**, v. 4, p. 1-14, 2005.

BARBOSA, Livia. **O jeitinho brasileiro: a arte de ser mais igual que os outros**. Elsevier, 2006.

BISPO, Fabiana Carvalho da Silva; SANTOS JUNIOR, A. B.; MOURA, Leandro Souza. O Uso do Jeitinho Brasileiro como um Recurso de Poder nas Organizações do País. **Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia**, v. 4, 2008.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Política Nacional de Defesa**. Brasília, 2012.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Estratégia Nacional de Defesa**. Brasília, 2012.

BRICS. **BRICS: Joint Statistical Publication 2012**. 2011.

CALDAS, Waldenyr. Futebol e cultura brasileira. **Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 20, n. 1, 1997.

CALDAS, Waldenyr. O futebol no país do futebol. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, v. 3, n. 2, p. 24-30, 1986.

CALL, Charles T.; ABDENUR, Adriana E. A “Brazilian way”? Brazil’s approach to peacebuilding. **Foreign Policy at Brookings Paper**, v. 5, 2017.

CARDOSO, Fernando Henrique. **A soma e o resto: um olhar sobre a vida aos 80 anos**. Editora José Olympio, 2015.

CASTRO, Thales. **Teoria das relações internacionais**. Fundação Alexandre de Gusmão, 2012.

CHATIN, Mathilde. Brazil: analysis of a rising soft power. **Journal of Political Power**, v. 9, n. 3, p. 369-393, 2016.

DA MATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

DE HOLANDA, Sérgio Buarque; EULÁLIO, Alexandre; RIBEIRO, Leo Gilson. **Raízes do brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ECONOMIST, Th. Brazil takes off. **Londres, Inglaterra: The Economist**, 2009.

FIGUEIREDO, Eurico de LO. Estudos Estratégicos como Área de Conhecimento Científico. **Revista Brasileira de Estudos de Defesa, Porto Alegre,(2),(2)**, p. 103-124, 2015.

FONTES, Paulo; FONTES, Paulo Roberto Ribeiro; DE HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque (Ed.). **The Country of Football: Politics, Culture & the Beautiful Game in Brazil**. Hurst & Company Limited, 2014.

- GEERTZ, Clifford. **The Interpretation of Cultures**. New York: Basic Books, Inc, 1973.
- GONÇALVES, Williams da Silva. **Relações Internacionais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- GUERALDI, Ronaldo Guimarães. **A aplicação do conceito de poder brando (Soft Power) na política externa brasileira**. 2006. Tese de Doutorado.
- GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. **Quinhentos Anos de Periferia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.
- HELENO, Eduardo; LUIZ, Edson MB. **O soft power brasileiro em busca de uma identidade sul-americana**. Poder, Estratégia e Sociedade, v. 1, p. 41-52, 2011.
- HUNTER, James C. **O monge e o executivo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- HUNTINGTON, Samuel P. **O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
- JÚNIOR, Domício Proença; DUARTE, Érico Esteves. **Os estudos estratégicos como base reflexiva da defesa nacional**. Rev. Bras. Polít. Int, v. 50, n. 1, p. 29-46, 2007.
- JUNGMANN, Raul. **Brasil no Haiti, um caso de sucesso**. Brasília, 2017.
- KISSINGER, Henry; **Diplomacia**. Editora Saraiva, 2012.
- LAST, David M. Peacekeeping doctrine and conflict resolution techniques. **Armed Forces & Society**, v. 22, n. 2, p. 187-210, 1995.
- MARTINELLI, Caio Barbosa. **O Jogo Tridimensional: o Hard Power, o Soft Power e a Interdependência Complexa**, segundo Joseph Nye. Conjuntura Global, v. 5, n. 1, 2016.

MARTINS FILHO, João Roberto. **Visões civis sobre o submarino nuclear brasileiro.** **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 29, n. 85, 2014.

MONTEIRO, Pedro Meira; SCHWARCZ, Lilia Moritz. Uma edição crítica de Raízes do Brasil: o historiador lê a si mesmo. **SB Holanda, Raízes do Brasil, ed. crítica, São Paulo, Companhia das Letras**, p. 11-26, 2016.

MORALES, Daniel Efrén. PODER SUAVE EN RELACIONES INTERNACIONALES: ENTRE PROPAGANDISTAS, ESTRATEGAS, CRÍTICOS Y ESCÉPTICOS. **Contextualizaciones Latinoamericanas**, n. 7, 2015.

MORGENTHAU, Hans J. A política entre as nações: a luta pela guerra e pela paz. **Brasília: Editora Universidade de Brasília/Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais**, 2003.

NYE, Joseph S. **O paradoxo do poder americano.** Unesp, 2002.

NYE, Joseph S. **O futuro do poder.** São Paulo: Benvirá, v. 333, 2012.

NYE, Joseph S. **Soft power: The means to success in world politics.** Public affairs, 2004.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **Introdução às Relações Internacionais: Temas, Atores e Visões.** Petrópolis: Vozes, 2004.

PRADO, Alyssa Magalhães. **O jeitinho brasileiro: uma revisão bibliográfica.** Horizonte Científico, v. 10, n. 1, 2016.

PRESTES FILHO, Luiz Carlos. **O maior espetáculo da terra – 30 anos de sambódromo.** Editora Lacre, 2015.

ROCHA, Marcio. **Defesa Nacional: uma abordagem conceitual.**

RIBEIRO, Darcy; BRASILEIRO, O. Povo. a formação e o sentido do Brasil. **São Paulo: Companhia das Letras**, 1995.

RIBEIRO, Darcy. **Os brasileiros. 1. Teoria do Brasil**. Civilização Brasileira, 1975.

SARDENBERG, Ronaldo. **Estudo das Relações Internacionais**. Brasília: UNB, 1982.

SCHWARCZ, L. M. Complexo de Zé Carioca: notas sobre uma identidade mestiça e malandra. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 29, n. 10, p. 49-63, 1995.

WALTZ, Kenneth N. **Theory of international politics**. Waveland Press, 2010.

WEBER, Max. A política como vocação. **Ciência e política: duas vocações**. 2008.

WEBER, Max; DELAUNAY, Gerard Georges; FRIAS, Rubens Eduardo Ferreira. **Conceitos básicos de sociologia**. Editora Moraes, 1989.

VIOLANTE, Alexandre Rocha. Política Externa, Política de Defesa e cooperação sul-sul como grande estratégia na África Ocidental: Um estudo de caso em Cabo Verde e São Tomé e Príncipe. 2017.

VUVING, Alexander. How soft power works. **Available at SSRN 1466220**, 2009.